



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**FÁBIO HENRIQUE CARDOSO DE MATOS**

**COMICIDADE E DIVERSIDADE: A ESPETACULARIDADE DA  
QUADRILHA CÔMICA CLOSE JUNINO DO BAIRRO DE CANUDOS,  
NAS RUAS DE BELÉM-PA**

**BELÉM-PARÁ**

**2023**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**FÁBIO HENRIQUE CARDOSO DE MATOS**

**COMICIDADE E DIVERSIDADE: A ESPETACULARIDADE DA  
QUADRILHA CÔMICA CLOSE JUNINO DO BAIRRO DE CANUDOS  
NAS RUAS DE BELÉM-PA**

Monografia apresentada à Faculdade de Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Dança. Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Ana Azevedo de Oliveira

Linha de pesquisa: etnocenologia

**BELÉM-PARÁ**

**2023**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

M433c      Matos, Fábio Henrique Cardoso de  
                 Comicidade e diversidade: a espetacularidade da quadrilha  
                 cômica Close Junino do bairro de Canudos nas ruas de Belém-PA /  
                 Fábio Henrique Cardoso de Matos. 2023.  
                 112 f.  
  
                 Orientadora: Profa. Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira  
  
                 Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto  
                 de Ciências da Arte, Faculdade de Dança, Curso de Licenciatura em  
                 Dança, Belém, 2023.  
  
                 1. Quadrilha (Dança) – Belém (PA). 2. Danças folclóricas – Belém  
                 (PA). 3. Coreografia (Dança). .4. Homossexuais. I. Título.

CDD - 23. ed. 793.3198115

---

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE DANÇA

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e nove dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas, na sala 22, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Ana Azevedo de Oliveira (Orientadora e Presidente da Sessão) e Profa. Dra. Simeí Santos Andrade (Membro interno), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado COMICIDADE E DIVERSIDADE: A ESPETACULARIDADE DA QUADRILHA CÔMICA CLOSE JUNINO DO BAIRRO DE CANUDOS, NAS RUAS DE BELÉM-PA, de autoria do aluno: Fábio Henrique Cardoso de Matos, matrícula: 201806040015, da turma: 2018, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou o aluno para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, o discente foi arguido pelos membros da banca, que atribuíram conceito Excelente ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim Aprovado (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pelo aluno.

Maria Ana A. de Oliveira.  
Presidente da Banca

Simeí Santos Andrade  
Membro da Banca

Fábio Henrique Cardoso de Matos  
Aluno (a)

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura: Fábio Henrique Cardoso de Matos

Local e Data: \_\_\_\_\_

A minha família, principalmente a minha mãe Jeanny Cardoso que esteve na luta, lado a lado comigo e que junto a mim sonhou com este momento tão esperado.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus por ter me dado forças necessárias que precisei neste longo e intenso percurso, juntamente à Nossa Senhora de Nazaré e Santa Rita de Cássia, nas quais coloquei minha devoção para que pudessem me auxiliar nesta caminhada e realização deste sonho.

À minha mãe Jeanny Cardoso que idealizou esta conquista comigo, me deu forças, cuidou de mim e é o meu maior amor, motivação e fonte de inspiração para que eu pudesse chegar aonde cheguei. Ao meu padrasto Oséias Vieira que contribuiu de forma bastante significativa para a realização dos meus estudos. A minha irmã Fabiana Cardoso e meu pai Ruy Mattos que também fizeram parte desta minha trajetória.

À Escola de Teatro e Dança e a Faculdade de Dança, ambas da Universidade Federal do Pará que possibilitaram a formação acadêmica no âmbito das artes, nos quais sempre estive envolvido e a todo o corpo docente, meus queridos professores que carregarei para sempre em meu coração. Muito obrigado por todos os ensinamentos, compartilhamentos e dedicação. Obrigado por tanta paciência, compreensão e amor.

À minha orientadora Maria Ana Azevedo de Oliveira que me acolheu, esteve ao meu lado durante toda a caminhada acadêmica e em especial na escrita desta pesquisa. Você foi uma força na continuidade da minha formação dentro do curso, quando muitas vezes eu pensei em desistir. Você é a minha fonte de inspiração e espero que um dia eu possa ser pelo menos um pouco da grandiosidade de mulher, artista, professora e pesquisadora que você é. Minha eterna gratidão.

Aos meus colegas da turma de 2018 que estiveram junto a mim nestes longos anos, na luta em busca da nossa formação. Porém, apesar de todas as dificuldades e atritos, gratidão aos anos de diversão, risos, compartilhamentos, pelo companheirismo e momentos incríveis que tivemos nas aulas e fora dela. Levarei em meu coração todas as amizades incríveis que conquistei.

A todos os artistas da cena das Quadrilhas Cômicas que contribuíram para esta pesquisa, amigos e brincantes da minha quadrilha cômica Close Junino.

Em memória de Dayan Santos, Welligton e Breno, amigos e praticantes de Quadrilhas Cômicas que, infelizmente, não estão mais no plano terrestre, entretanto, estão em meus corações e foram figuras importantes na minha vida e no cenário das quadrilhas cômicas.

A todos que contribuíram diretamente ou indiretamente na minha formação acadêmica, seja financeiramente, com palavras de forças, incentivo, aplausos nas minhas apresentações artísticas, dentre tantas outras motivações. Toda ajuda positiva foi necessária.

Tá bonito, tá ao vivo, tá a cores,  
Tá lindo, tá tinindo, tá zunindo,  
Tá cantando, tá sorrindo,  
Com certeza meus amores.  
(Alcymar Monteiro)

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo fazer uma análise da Quadrilha Cômica *Close* Junino do bairro de Canudos, Belém-PA. Trago minhas vivências desde pequeno no contexto junino, pois, sempre estive envolvido nesta prática, bem como, toda minha trajetória artística em relação às quadrilhas, investigando a diversidade e a comicidade como manifestação popular, nas ruas periféricas de Belém, sem perder a essência e tradicionalidade dos festejos juninos, ressaltando a o fazer/dançar com brincantes LGBTQIA+. A abordagem qualitativa da pesquisa foi realizada através da minha vivência enquanto artista-brincante-pesquisador, junto aos brincantes da minha quadrilha e com outros grupos cômicos juninos. Para isso, foi necessário realizar entrevistas por meio das redes sociais, pesquisa de campo, práticas e observação das performances ao longo dos anos, adotando como teoria de base a Etnocologia, linha de pesquisa que conheci na disciplina Manifestações Espetaculares Brasileiras I e II, do curso de Licenciatura em Dança da UFPA. Desta forma, no que se refere à etnocologia utilizei os estudos de Oliveira (2015) e Dumas (2010), sobre quadrilha junina Leal (2004) e Santos (2017). Como resultado, apresento de modo preliminar um registro histórico das quadrilhas cômicas e o que seria este estilo de quadrilha, levando em consideração que temos poucas informações e registros desta manifestação, em Belém-PA e, por fim, analiso a espetacularidade da Quadrilha Cômica *Close* Junino, na qual exerço a função de presidente e coreógrafo, destacando a performance, os trajes e os processos criativos, colocando o grupo como uma forma de estudo e como uma arte LGBTQIA+ e de rua.

**Palavras-chave:** Quadrilha Cômica; Diversidade; Espetacularidade.

## ABSTRACT

The present study analyzes the Brazilian comical square dance “Close Junino” in Canudos, Belém-PA. I have experiences in the June festivals since I was kid, because I have Always had the practice, such as, my artistic career in the Brazilian square dance, investigating the diversity and the comical as popular manifestation, on the streets of Belém, without losing the essence and the traditionality of June Festivals, emphasizing the dance with the LGBTQIA+ people. The qualitative approach was realized through my experience as artist, researcher and performer, with my group of Brazilian square dance and Other comical groups. In this way, it was necessary to realize interviews on social media, field research, practices and the performance observation over the years, the basic theoretical framework was centered on Ethnology, which I learned in the subject “Brazilian Spectacular Manifestations I and II”, of Degree course in Dance – UFPA. In this way, I used the Ethnology studies of Oliveira (2015) and Dumas (2010), and about Brazilian Square Dance, Leal (2004) and Santos (2017). In conclusion, I present in a preliminary way a historical record of a Brazilian comical square dance and its performance, considering that we have little information and records of these dance groups in Belém-PA, to conclude I analyze the Brazilian comical square dance “Close Junino” as choreographer and leader, emphasizing the costumes, dance and creative processes, placing the group as a form of study and as LGBTQIA+ and street art.

**Keywords:** Comical Square Dance; Diversity; Spectacularity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES, IMAGENS E FIGURAS

Imagem 1	Fogueira Junina	26
Imagem 2	Imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro expostas no corredor da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA)	27
Imagem 3	Momento do casal de noivos com o Padre.	28
Imagem 4	Quadrilha Linda Flor do Sertão	28
Imagem 5	Ariana Barbosa, Miss Mulata da quadrilha Matutinhos da Cremação	30
Imagem 6	Casal dançando carimbó	31
Imagem 7	Quadrilha Junina Paraense no concurso da FUMBEL, na praça Waldemar Henrique, em Belém	32
Figura 8	Quadro demonstrativo das Quadrilhas Cômicas de Belém	38
Imagem 9	Quadrilha Frescura na Roça, bairro de Fátima	40
Figura 10	Conceito de Quadrilha Cômica	42
Imagem 11	Quadrilha Cômica Fogo no Rabo no concurso de quadrilhas cômicas da “As Apimentadas”, em Icoaraci, 2022	42
Imagem 12	Miss Caipira da Quadrilha Fogo no Rabo do Benguí	45
Imagem 13	Quadrilha Cômica As Piriguetes do Guamá	46
Imagem 14	Quadrilha Cômica <i>Sem Recalque</i> abrindo o concurso de Miss Caipira <i>Gay</i> no CENTUR, em Belém, 2019	47
Imagem 15	Estreia em 2018, no bairro de Canudos	62
Imagem 16	Estreia da quadrilha no bairro de Canudos, em 2019	63
Imagem 17	Transmissão ao vivo em uma rede social	64
Imagem 18	O grupo em um concurso de “Quadrilhas Malucas”, realizado no bairro da Terra Firme, em Belém	65
Imagem 19	Quadrilha Cômica Close Junino no Concurso de Quadrilhas Cômicas de Icoaraci-PA	66
Imagem 20	Torcida Close Junino no Concurso da Roso Danin, no bairro de Canudos, 2022	69
Imagem 21	recebendo o troféu de primeiro lugar no concurso As Apimentadas, em 2022	70

Imagem 22	Primeiros encontros em 2022	71
Imagem 23	Ensaio na rua, em Canudos	72
Imagem 24	Ensaio na rua, em Canudos	72
Imagem 25	Ensaio na rua 2023	75
Figura 26	Duas filas: “veados” de um lado, “sapatões” de outro lado, formando casais. Quatro filas: esse desenho no espaço, para mim, é a figuração principal para o grupo dançar nas ruas, visto que a maioria das coreografias executadas os brincantes estão nessa formação	76
Figura 27	A grande roda	76
Figura 28	Formato em “X”	77
Figura 29	Formação em “T”	77
Imagem 30	Ensaio na rua	78
Imagem 31	Drag Queen Marcia Pantera batendo cabelo	80
Imagem 32	Brincante da Quadrilha Cômica Close Junino fazendo performance de bate-cabelo em uma das apresentações	80
Imagem 33	Performance de Vogue na série de tv “Pose”	81
Imagem 34	Brincante da Close Junino fazendo um “Death Drop” em uma performance na quadrilha, sendo esta uma movimentação específica e muito executada no Vogue	82
Imagem 35	Base de roteiro	83
Imagem 36	Confecção do traje na casa de um dos brincantes	84
Imagem 37	Equipe de Produção da Close Junino soltando fumaças coloridas nas cores LGBT e segurando a bandeira, enquanto a quadrilha cômica dançava	86
Imagem 38	Fábio Cardoso como Miss Caipira da Close Junino, em 2018	87
Imagem 39	Fabíola Calandrine <i>Drag Queen</i> da Quadrilha Close Junino nos bastidores de uma apresentação, em 2022	88
Imagem 40	Fabíola Calandrine, como marcadora da quadrilha, antes de uma apresentação em um concurso, em 2022	89
Imagem 41	Vallentina em uma das apresentações da Quadrilha Cômica Close Junino, 2021	90
Imagem 42	Vallentina como Miss Caipira da Quadrilha Cômica <i>Sem</i>	91

	<i>Recalque</i> , em 2022	
Imagem 43	Enzo Gabriel durante o curso de Comicidade Drag, 2022	92
Figura 44	Performance de Vallentina como resultado do curso de Comicidade Drag	92
Imagem 45	Os “sapatões” no Rock da Close, em 2022	94
Imagem 46	os “veados” no Rock da Close, em 2022	95
Imagem 47	Miss Caipira, 2022	95
Imagem 48	Personagem Tiffany e Brittany do filme “As Branquelas”, 2022	96
Figura 49	Equipe de produção no concurso das “As Apimentadas”, em Icoaraci	97
Imagem 50	Cenário “Rock da Close”	98
Imagem 51	Recebendo a premiação de primeiro lugar no concurso de Icoaraci	99
Imagem 52	Momento de emoção na confraternização com a minha fala como presidente aos brincantes	100

## **LISTA DE ABREVIACÕES**

MA - Maranhão

UFPA – Universidade Federal do Pará

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, intersexuais, assexuais e mais

Sto – Santo

PROPAZ – Programa de Cultura de Paz

UEPA – Universidade do Estado do Pará

ETDUFPA – Escola de Teatro e Dança da UFPA

FUMBEL - Fundação Cultura do Município de Belém

CENTUR - Centro Cultural e Turístico

TV – Televisão

PA – Pará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INICIANDO A MONTAÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>VAI COMEÇAR: A SEMENTE DA INGLATERRA QUE ARBORIZA EM TODA A EUROPA ATÉ DAR FRUTOS AO BRASIL</b>	<b>22</b>
2.1	A QUADRILHA JUNINA NO BRASIL	23
2.2	A QUADRILHA JUNINA EM BELÉM DO PARÁ	29
2.3	MODERNIDADE JUNINA: TRANSFORMAÇÕES, ESTILOS, TRADICIONALIDADE E CONTEMPORANEIDADE	33
<b>3</b>	<b>SOLTA O SOM DJ!: ARTE, DIVERSIDADE E HUMOR DAS QUADRILHAS CÔMICAS NO PARÁ</b>	<b>36</b>
3.1	COMICIDADE, PERFORMANCE E DANÇA: A QUADRILHA CÔMICA JUNINA	49
3.1.1	Hora do atrack: os concursos	53
3.2	A QUADRILHA CÔMICA COMO ARTE LGBTQIA+ E INCLUSIVA	54
3.2.1	Cultura LGBTQIA+: vocabulário, pajubá e termos da quadrilha cômica	56
3.3	A QUADRILHA CÔMICA NO CONTEXTO ESCOLAR	58
<b>4</b>	<b>IÊÊÊ! É CLOSE, OPA: COMO TUDO COMEÇOU...</b>	<b>60</b>
4.1	PROCESSOS CRIATIVOS, COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA E APRESENTAÇÕES	70
4.2	CLOSE JUNINO COMO ARTE LGBTQIA+	84
4.2.1	Iniciação Drag a partir do grupo	86
4.3	ROCK DA CLOSE	93
<b>5</b>	<b>FECHOU, FECHOU, FECHOU, FECHOU, FECHOU E VRÁÁH!</b>	<b>101</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>102</b>
	<b>GLOSSÁRIO</b>	<b>109</b>

## 1 INICIANDO A MONTAÇÃO<sup>1</sup>

Na minha quadrilha só tem gente que brilha. Só tem gente que brilha na minha quadrilha... (música “Festrilhas” de Alcymar Monteiro).

As quadrilhas juninas e os festejos do mês de junho são considerados uma das manifestações populares mais importantes e uma das mais conhecidas no Brasil. Nessa época, é celebrado os três santos: São João, São Pedro e Santo Antônio, com brincadeiras, comidas típicas, fogueiras, manifestações artísticas, além das quadrilhas juninas, que com seus espetáculos enriquecem as festas realizadas nos “terreiros” - termo assim usado para falar do espaço que acontecem as festas juninas. Dentro de todo este contexto festivo, as quadrilhas juninas são essenciais na programação realizada e tem se tornando com o tempo uma das atrações artísticas mais importante e que são esperadas pelo público presente que espera ansiosamente por esta forma expressiva de dança e de teatro.

A minha paixão pelo mês de junho e os festejos citados acima, surgiram desde muito pequeno, com a minha participação na dança nas festas juninas realizadas na escola, quando residia em Imperatriz-MA (Maranhão). Vale destacar que já havia a paixão pela dança também ainda muito pequeno, por volta dos 5 anos de idade, desde quando me entendo como ser humano. Inicialmente, recordo-me de danças como toadas e xotes.

Logo depois, ainda criança, me mudei para Belém do Pará, onde moro até hoje. Nesta época da minha infância em Belém, tive um contato maior com os terreiros de São João no estilo paraense que, para mim, as características se diferem muito dos festejos que tive contato em Imperatriz, tendo em vista que, no Maranhão, eu apenas dançava na escola e não tive contato com festas em ruas ou em casa, realizadas por vizinhos. Em contrapartida, no Pará, residindo na grande casa da minha avó, onde a família também era grande, já que ela tinha vários filhos, netos e demais parentes, os meus tios se uniram para fazer as festas de São João em família, momento no qual iniciou um afeto pelo que acontecia ali.

A primeira festa que participei aqui no Pará na casa da minha avó, foi o estopim para que eu me apaixonasse por toda a riqueza que aquele mês carregava. Cada detalhe da festa foi importante e atentamente observado: a música, a fogueira, as bombinhas, estalinhos, chuveirinho, as bandeirinhas, o patchouli<sup>2</sup> nas roupas, as estampas floridas de forma

---

<sup>1</sup> Iniciando a Montação: Refere-se à introdução, primeira seção deste Trabalho de Conclusão de Curso. A palavra montagem é o processo de aplicar maquiagem e roupas para assumir a persona *drag*.

<sup>2</sup> Patchouli: é também conhecido como Raiz de Vetiver. É um óleo essencial extraído das raízes da planta nativa da região Amazônica, principalmente encontrada no estado do Pará, no Brasil. É conhecido por seu aroma terroso, amadeirado e doce, com nuances herbáceas, que o tornam popular na perfumaria e na aromaterapia.

regionalizada, estampas quadriculadas, comidas típicas, destaco aqui a minha paixão pelo tacacá, o qual eu esperava muito pelas festas de São João, pois era um item culinário que não poderia faltar na casa da minha avó e também o mingau de milho branco, as brincadeiras como corrida do saco, pescaria, a união entre a família, dentre outros aspectos como a alegria e o encontro com as pessoas.

Citando todos esses detalhes observados na festa na casa de minha avó, parece que fiz uma viagem ao tempo e me emociono, pois, imagina uma criança envolvida nas brincadeiras, estourando bombinhas, todo caracterizado, com músicas dançantes, comendo pratos típicos deliciosos, pois tudo isso só aconteciam nessa época do ano e todo mês de junho, eu tinha que ter uma roupa de quadrilha que, muitas vezes eram customizadas e confeccionadas por mim mesmo. Acredito que essas vivências colaboraram e foi uma semente plantada, que hoje floresce, neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Ainda criança, já influenciado pelos festejos juninos e pelas danças na escola em Imperatriz, também comecei a participar das apresentações na escola no mês de junho aqui Belém e de forma mais ativa. Lembro-me que cada turma ficava com uma coreografia a ser apresentada, porém, eu pedia para a professora de Educação Física para eu ficar em duas coreografias. Minha paixão por dançar era tão imensa, que eu entrava em outras turmas para dançar mais de uma vez. Morando aqui, tive o contato com a regionalidade paraense, ficando mais próximo da quadrilha junina e das danças populares como o retumbão<sup>3</sup>, da marujada de Bragança.

Neste mesmo período, da minha infância, dançando na escola, quando estava no Ensino Fundamental, fui convidado a participar de uma quadrilha tradicional mirim no bairro de São Brás, que se chamava *Os Matutos Kids*<sup>4</sup>. A quadrilha era uma versão mirim da quadrilha tradicional adulta *Os Matutos de São Brás*. A partir daí, saí do contexto escolar e fui para a rua, onde a maioria das apresentações aconteciam.

*Os Matutos Kids* foi a primeira quadrilha tradicional que participei e que me fez me apaixonar de vez pelos grupos juninos, que com o passar dos anos, eu ia me envolvendo mais e mais com as festas juninas, ficando fortemente afetado.

Nas apresentações da quadrilha mirim tradicional que participei, me chamava atenção as misses da quadrilha. Nos *Matutos Kids*, eram quatro misses: caipira, simpatia, mulata e boneca.

---

<sup>3</sup> Retumbão: Principal dança da marujada, festa em homenagem a São Benedito, em Bragança, no Pará.

<sup>4</sup> *Matutos Kids*: A diretora era a Tia Cláudia e participavam da quadrilha em torno de 30 crianças. A quadrilha era a versão mirim da quadrilha adulta “Os Matutos de São Brás”.

As apresentações das misses eram realizadas por meio de solos de cada uma antes do conjunto se apresentar e me atraiu a espetacularidade apresentada pelas meninas, por questões da música que cada uma dançava, a temática que elas traziam, a composição coreográfica e o traje que eram diferentes do resto das damas da quadrilha. Era um espetáculo à parte e que mal eu sabia que aquilo seria mais uma semente junina, que iria dar frutos mais tarde: a necessidade de querer coreografar uma menina, já que havia esse grande interesse em querer por ideias em práticas, querendo me tornar coreógrafo e me tornar uma miss quando crescer.

Infelizmente, depois de dançar dois anos, a quadrilha teve o seu fim, encerrando suas atividades, deixando meu coração triste e fiquei alguns anos sem dançar, apenas participando de festas.

Depois disso, conheci a comunidade Sto. Agostinho da aldeia através da minha participação no espetáculo teatral Paixão de Cristo<sup>5</sup> em Canudos, no ano de 2010. O espetáculo acontece nas ruas do bairro, no dia da Sexta-Feira Santa no calendário católico.

A partir daí, comecei a frequentar as programações de arte, que eram muito fortes na comunidade, como por exemplo o grupo experimental de Teatro Aldeato realizava diversas apresentações teatrais durante o ano, reuniões, estudos, mostras, entre outras programações.

Vale ressaltar que, para além da dança a qual sempre fui envolvido desde criança, também participava de peças teatrais desde criança na escola em Imperatriz e em Belém, na comunidade Sagrada Família no bairro de São Brás, na mesma rua que a quadrilha Os Matutos Kids ensaiava e que em algumas ocasiões, os ensaios da quadrilha também ocorriam na comunidade Sagrada Família. Ambas as comunidades pertencem à Paróquia São José de Queluz, localizada em Canudos. Sempre estive envolvido na arte desde criança, o teatro e a dança estiveram sempre presentes na minha vida.

Desse modo, considero que na infância, em Belém, as peças teatrais e os ensaios dos *Matutos Kids* que aconteciam na comunidade Sagrada Família, foram momentos primordiais no meu processo artístico, mesmo que de forma inconsciente. Entretanto, foi na minha juventude na comunidade Sto. Agostinho da Aldeia que eu me aprofundei mais, mergulhando em possibilidades, experimentações e tendo contato com profissionais da arte.

O grupo Aldeato da comunidade Sto. Agostinho da Aldeia me abriu um leque de possibilidades, levando em consideração que, comecei a ter um entendimento melhor como as

---

<sup>5</sup> Paixão de Cristo: É uma data cristã que lembra a morte de Jesus na Cruz no calvário. É a sexta-feira antes do domingo de Páscoa.

peessoas LGBTQIA+<sup>6</sup> usavam da arte na comunidade para se expressar de forma mais abrangente, ultrapassando o fazer da arte e usando-a como ferramenta de descoberta pessoal em momentos tão delicados da minha vida.

Usando a arte como escapatória, conheci a quadrilha cômica *Frescura na Roça de Canudos*<sup>7</sup>, que era um grupo que se reunia depois do evento da Paixão de Cristo em Canudos, para ensaiar e dançar no mês de junho, já que “não haveria mais nada após a Paixão de Cristo”, e, desta forma, era um modo de reencontro e de se fazer arte, levando alegria e preenchendo a programação anual para que o grupo não ficasse realmente parado.

A quadrilha cômica *Frescura na Roça de Canudos* é uma das mais antigas de Belém e dancei por dois anos seguidos, em que, um desses anos eu fui a miss da quadrilha. A quadrilha ensaiava na comunidade Sto. Agostinho da Aldeia, a qual pertencia. Entretanto, por motivos internos e religiosos, a quadrilha vai para a rua no ano de 2013, tendo que ensaiar na porta de alguns brincantes. Assim, fiquei no grupo até 2014.

As pessoas que participavam do grupo Aldeato nas programações teatrais e na quadrilha cômica, em parte, também foram responsáveis para o meu desenvolvimento profissional na dança, já que o lado mais forte da arte na comunidade durante o ano era o teatro. Naquela época, eu já realizava trabalho como coreógrafo das minhas amigas quando iam se apresentar como miss nas escolas ou na igreja. Porém, o diretor e coordenador do grupo Aluízio Freitas, começou a me inserir como coreógrafo nas apresentações de dança na comunidade, no grupo Aldeato, e até mesmo criando um grupo de dança e uma quadrilha tradicional dentro da comunidade.

Ainda na comunidade, uma amiga que conheci no Aldeato e que também participava de todas essas programações, me convidou para participar de um grupo coreográfico o qual ela participava, do Programa de Cultura de Paz (PROPAZ) na Universidade do Estado do Pará (UEPA), que tinha com a professora Leila Velasco à frente do projeto. Este momento foi muito importante na minha trajetória, pois, foi o meu primeiro contato com as aulas de ballet clássico, jazz, contemporâneo e a modalidade principal do grupo: a dança moderna.

Sempre tive vontade de mergulhar nessas linguagens de dança, de realmente fazer uma aula de dança para um lado mais técnico, no sentido de conhecer a essência de cada estilo, não apenas de ensaiar e reproduzir o que me era passado para apresentar, como acontecia nos eventos da escola e na quadrilha mirim.

---

<sup>6</sup> LGBTQIA+: é um grupo de indivíduos que representa diferentes indivíduos fora das normas binárias de gênero e sexualidade, reunindo, assim, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e assexuais.

<sup>7</sup> Frescura na Roça de Canudos: O responsável era o Aluízio Freitas, o mesmo diretor da Paixão de Cristo, em Canudos. Na quadrilha havia em torno 40 brincantes.

A iniciação nessas linguagens foi de forma tardia, já no final da adolescência, quase iniciando a fase adulta. Minha vontade era de começar bem cedo, mas, por questões de gêneros, pois vivemos numa sociedade em que o menino deve jogar bola e da menina é dançar ballet clássico, me faltaram oportunidades que não me permitiram participar desde cedo nas aulas de dança, até mesmo por questões de locais e também financeiras. Nunca fui incentivado ou sequer pensado em me colocar neste ponto da dança. A partir desta reflexão e questionamento sobre o gênero na dança, Andreoli e Canelhas (2019) dizem:

A dança é influenciada pelos valores culturais e morais construídos sobre o feminino e o masculino, pelos significados atribuídos ao corpo que dança a partir das representações hegemônicas de gênero e, simultaneamente, coloca em operação esses significados, definindo e regulando aquilo que se entende por desempenho corporal mais ou menos adequado a homens e mulheres, reproduzindo comportamentos, posturas e técnicas corporais associados aos estilos de vida considerados masculinos e femininos (ANDREOLI; CANELHAS, 2019, p. 7).

Todas as aulas que tive no grupo coreográfico e que futuramente passava para a Cia de Dança Leila Velasco, foram mais um leque de possibilidades e repertório adquiridos que fizeram me motivar mais ainda a fazer a Licenciatura em Dança, até porque a professora era um espelho para mim e gostaria de ser e trabalhar como ela, dando aula e enriquecendo mais as minhas coreografias, a qual eu já trabalhava de forma autônoma.

Naquele mesmo período que ingressei no grupo coreográfico PROPAZ/UEPA e após dançar dois anos na quadrilha Frescura de Canudos, na qual era apenas brincante, fui convidado para participar de uma outra quadrilha cômica do mesmo bairro, e desenvolver o trabalho pela primeira vez com coreógrafo e marcador de quadrilha cômica. O grupo se chamava *Fogo no Rabo de Canudos*, que também ensaiava e se apresentava nas ruas do bairro.

No grupo, eu fiquei nos anos de 2016 e 2017, saindo logo depois por conflitos internos, inquietações e, principalmente com uma necessidade de ter meu próprio grupo junino, ser o presidente da minha própria quadrilha cômica, tomando minhas próprias decisões, a fim de colocar todas as minhas idealizações em prática, criando um enredo autoral, desde o nome do grupo até a temática, o contexto e a construção coreográfica. Como resultando surgiu em 2018 a quadrilha cômica *Close Junino* do bairro de Canudos, no mesmo ano em que sou aprovado na Licenciatura em Dança, na Universidade Federal do Pará.

Eu sempre fui um garoto com um teor criativo, de tomar a frente de grupos, tarefas, atividades, sempre querendo assumir uma postura de líder. Desde cedo eu era uma pessoa de

muitas ideias e que estas deveriam ser colocadas em práticas e não guardadas para si, tive momentos até que me intrigavam quando não as colocava em prática.

Todos estes atravessamentos na minha vida, que tive em relação à arte, em específico a dança, culminaram na minha escolha em querer cursar licenciatura em dança e ter a minha formação como professor formado em dança, para desempenhar com muito mais eficiência um trabalho que já desenvolvia, seja ele como intérprete ou criador.

Estar na graduação foi a realização de um sonho, levando em consideração que desde criança quando questionado sobre qual profissão eu gostaria de ter, a resposta não era outra: ser professor. Entretanto, quando criança, não teria noção que existia um ensino superior em dança. Até o dia de hoje, eu digo para quem me acompanha em diversas conversas que, mesmo se a dança não estivesse em minha vida, eu seria professor de qualquer forma, mesmo que em outra licenciatura.

Destaco aqui que, soube da Licenciatura em Dança no Grupo Aldeato e, muitos participantes ingressaram na Licenciatura em Teatro e na Cia de Dança Leila Velasco, e outras cursavam a Licenciatura em Dança. Os dois ambientes frequentados por mim foram que me encaminham para um futuro predestinado, a junção perfeita do sonho de uma criança em querer ser professor junto à descoberta de uma graduação em dança.

No decorrer da graduação, conheci a disciplina Manifestações Espetaculares Brasileiras I e II, ministrada pela professora Maria Ana Azevedo de Oliveira, nas quais criei um laço com a Etnocologia que é muito abordada na disciplina, adotando como a teoria de base deste estudo e como ponto de partida para o desenvolvimento da minha pesquisa, que, junto à minha vivência desde criança até as práticas em arte até hoje, servirão como base para o trabalho de conclusão deste curso.

Buscando estudar as práticas e comportamentos espetaculares humanos organizados, a etnocologia leva em consideração diversos campos de conhecimento dentro das ciências das artes, tornando possível o estudo teórico ou prático de diversas temáticas, a partir da perspectiva do pesquisador.

A etnocologia e as palavras da professora durante a referida disciplina me atravessaram de forma que eu pude me envolver mais entusiasmado com a escolha do tema da pesquisa - que são as Quadrilhas Cômicas, que no meu ponto de vista é uma arte marginalizada e pouco se dá importância na academia. Pois, quando eu falava sobre a temática, algumas pessoas não reagiam de forma muito positiva e encantada, tratando até com um pouco de desprezo em certas situações.

Me vi durante o curso em alguns momentos desanimado e me questionando se deveria mesmo desenvolver minha pesquisa sobre quadrilhas cômicas, mas, a espetacularidade tão abordada e falada na etnocenologia, que, para Oliveira (2015, p. 42) “o espetacular está presente na espontaneidade e no modo que os brincantes participam de suas práticas seja para homenagear, celebrar ou agradecer, onde o canto, a música, o movimento gestual encontram-se interligados”, fez com que as palavras ressoassem no meu pensamento em relações às minhas práticas.

As pesquisas e os teóricos acerca da disciplina, me fizeram enxergar com outros olhos, colocando as lentes da etnocenologia em minha visão como pesquisador e enxergando toda a grandiosidade da espetacularidade do tema, também utilizando um sentimento que encontrei durante os estudos: o afeto. O afeto, acima de tudo, é o motor e o disparador que me move e cria forças na escolha do tema, enriquecendo a relação artista-intérprete-criador-pesquisador.

A partir do meu afeto com a minha prática e as minhas vivências, apresento a minha visão de pesquisador, a noção do termo espetacularidade para a minha pesquisa, a partir de Barthes apud Dumas (2010) que diz: “o corpo está sempre em estado de espetáculo diante do outro ou mesmo diante de si mesmo” (BARTHES apud DUMAS, 2010, p. 2). Pois, “a natureza espetacular é compreendida como uma dimensão inerente à existência humana (DUMAS, 2010, p. 2).

Com isso, justifica-se a necessidade desse estudo pelo fato de coadunar com a teoria de base da Etnocenologia, a fim de aprofundar e fazer um estudo desta arte presente em minha vida há tantos anos, que, para além da minha trajetória em dança, não há registros sobre o assunto, fazendo com que eu escreva sobre esta arte de rua que é tão marginalizada, no entanto, é moderna, inclusiva e destacando que esse movimento que acontece nas ruas não é feito de qualquer maneira. Para isso, escolho como fenômeno, o meu grupo - a quadrilha cômica *Close Junino* do bairro de Canudos, onde realizado meus processos de criações, experimentações metodológicas, resultados performáticos pessoais e dos demais brincantes, atrelando ao curso de Licenciatura em Dança.

Para conversar com a minha pesquisa, trarei diversos teóricos para o suporte de estudo. Entretanto, alguns teóricos servirão de apoio principal para três aspectos importantes desta pesquisa. Para tratar das Quadrilhas e Modernidade trago Leal (2004), sobre a Etnocenologia, os estudos de Oliveira (2015) e Dumas (2010) e, para tratar da Comicidade trago Mundim (2013).

Deste modo, na segunda seção, abordo sobre o contexto histórico da quadrilha junina, dando ênfase nas suas transformações históricas de acordo com a época, região, aspectos sócios-culturais-políticos e de onde se iniciou, até chegar na cena em Belém do Pará.

Na segunda seção, irei trazer um breve histórico da quadrilha junina, de onde surgiu, chegando a Belém do Pará, tratando sobre sua disseminação e transformação ao longo do tempo.

Na terceira seção, irei abordar um estilo de quadrilha, que são as Quadrilhas Cômicas, a temática desta pesquisa, uma tentativa de contextualização a partir de diversas práticas, entrevistas, trazendo a comicidade, a manifestação de rua, uma arte LGBTQIA+, diversificada e inclusiva, além de trazer esta prática para o contexto escolar.

Na quarta seção, irei falar especificamente do meu grupo *Close Junino*, que é uma Quadrilha Cômica do bairro de Canudos, a qual foi criada e idealizada por mim. Falarei do histórico, vivências, processos criativos, iniciação drag e os resultados dos concursos obtidos ao longo dos anos.

## **2 VAI COMEÇAR: A SEMENTE DA INGLATERRA QUE ARBORIZA EM TODA A EUROPA ATÉ DAR FRUTOS AO BRASIL**

A quadrilha vem de origem europeia e o nome surge a partir da palavra francesa *quadrilhe*, sendo influenciada e associada ao *country dance* que acontecia na Inglaterra por volta do século XVII. *Country dance* é um termo que designa uma grande variedade de danças realizadas no campo, mas também praticadas na corte inglesa, que tinham duas bases coreográficas: *round* e *longway*, ou seja, roda ou filas paralelas (ZAMITH, 2007).

A artista-pesquisadora Eleonora Ferreira Leal (2004), a partir de uma investigação, elucida a importância do *country dance*, com suas características e suas derivações que contribuíram para o surgimento da quadrilha. Ela aponta que, enquanto os *Rounds* eram dançados em círculos com homens e mulheres alternando-se, a *Longway* era dançada em fila dupla com os pares se descolando em linha reta, um de frente para o outro.

A partir deste recorte histórico da autora sobre a descrição das movimentações em dança do *country dance*, pode-se notar as características que estão presentes até hoje nas quadrilhas, com círculo, filas, pares, preenchendo e criando desenhos no espaço a partir de suas movimentações.

Observando estas características, Leal (2004) ainda destaca questões presentes da época que fortemente influenciavam na narrativa do que era executado na dança que era feita por pares, onde traziam um tema antigo: o amor, ou seja, a luta do homem pelo amor. A artista-pesquisadora diz: “o tema básico sendo o amor, levava os dançarinos, quanto à movimentação do desenho espacial, a aproximarem-se no seu decorrer até consolidarem sua união, a qual acontecia somente no final” (LEAL, 2004, p. 29).

Nota-se que a dança com pares é um dos pilares principais da dança, se não o pilar principal, tendo em vista que existe uma pré-definição de uma dança em duplas, onde dançam entre si, em forma de casais, trazendo como tema o amor e com as movimentações de um de frente para o outro.

Posteriormente, a quadrilha é inserida e adaptada na cultura da França no século XVIII, ganhando espaço nos bailes europeus e se desenvolvendo nas danças de salão, que, a partir desta época, a quadrilha ganha um papel fundamental neste contexto histórico, carregando consigo variações de espaço, tempo, elementos musicais e coreográficos que antecedem a ela. Sobre isso, Santos (2017) diz:

Afirma-se como o encontro de elementos musicais e coreográficos de danças anteriores a ela, e que foram ressignificadas para cinco tipos de contradanças encadeadas denominadas de Quadrilha Francesa. A forma perdurou até o século XIX, coexistindo com transformações e incorporações de elementos diversos (SANTOS, 2017, p. 14).

A quadrilha na França, com suas transformações e variações de acordo com o tempo, possui elementos como herança que se perduram até os dias atuais. Compreendo como um destes elementos de extrema importância, o vocabulário, que tem sua origem na língua francesa, cujas palavras são essenciais para o comando coreográfico, para a execução da quadrilha, tais como:

- Alavantú (*en avant tous*) - todos os casais vão para a frente.
- Anarriê (*en arrière*) – casais vão para trás.
- Changê (*changer/changez*) – trocar/troquem o par
- *Vis-à-vis* – cumprimento frente a frente
- Otrefoá (*autre fois*) – repete o passo anterior
- Balancê (*balancer*) – Balançar o corpo no ritmo da música, marcando o passo, sem sair do lugar. É usado como um grito de incentivo e é repetido quase todas as vezes que termina um passo. Quando um comando é dado só para os cavalheiros, as damas permanecem no Balancê. E vice-versa,
- Returnê (*returner*) – Voltar aos seus lugares.
- Tur (*tour*) – Dar uma volta: Com a mão direita, o cavalheiro abraça a cintura da dama. Ela coloca o braço esquerdo no ombro dele e dão um giro completo para a direita.

Em seguida, no início do século XIX, esta dança se dissemina e se populariza entre a nobreza europeia, chegando até Portugal, país este responsável pela colonização do Brasil. Na próxima subseção, irei tratar brevemente sobre esta manifestação em terras brasileiras, em algumas regiões.

## 2.1 A QUADRILHA JUNINA NO BRASIL

Em terras brasileiras, a quadrilha junina chegou aproximadamente no final da década de 1820 e tal como inicialmente na França, esta prática também se dava somente nas camadas

sociais que possuíam um bom capital naquela época, principalmente no Rio de Janeiro, havendo uma grande divulgação por meio dos bailes que aconteciam entre os integrantes da corte.

Entretanto, foi somente no final do século XIX que a quadrilha sai do espaço que era ocupado pela elite e começa a ganhar forma nas outras camadas da sociedade, se popularizando, de forma que, outros elementos culturais passaram a adentrar essa prática, fazendo com que já começasse um indício de transformações e novas composições que iam desde as relações com a vida no campo, associando à símbolos típicos das zonas rurais até as adaptações cômicas nas apresentações que já ocorriam nas apresentações, como por exemplo, a narrativa do rapaz que engravida a moça e são forçados a casar, resultando no famoso “casamento na roça”.

Dessa forma, essa prática acontecia nas festas, que eram conhecidas como festa “joanina” fazendo uma alusão ao São João, santo da igreja católica, onde a festa tinha fins religiosos. Inicialmente, a festa possuía um forte tom religioso, que se perdeu em parte, uma vez que é vista por muitos, mais como uma festividade popular do que religiosa (TOFANO; COLNAGO; SOUZA, 2019). Logo em seguida, altera-se o nome para festa junina em alusão ao mês de junho.

Em contrapartida, Lucena Filho (2009) apud Tofano, Colnago e Souza (2019) apresenta um outro contexto:

As festas juninas são festas agrárias ligadas aos ciclos naturais que marcavam a passagem do tempo, tendo origem anterior ao cristianismo. A Igreja Católica as transformou em manifestações cristãs. No início dos anos 1980, em Campina Grande na Paraíba, as festas populares do ciclo junino transformaram-se em eventos culturais midiáticos com características mercadológicas, feições de espetáculo com marcas profanas e, nessa esteira, passaram a ser atração turística e fonte geradora de renda para a comunidade local e para a região. (LUCENA FILHO, 2009 apud TOFANO; COLNAGO; SOUZA, 2019, p. 2).

Entretanto, no Brasil, ainda assim as festas, mesmo saindo da igreja, caíram no gosto popular, no entanto, há signos ligados à religiosidade por conta dos santos festejados, que tem suas datas comemorativas. Então, imagens são expostas nos arraiais<sup>8</sup>, nas letras das músicas e entre outras partes da festa, fazendo a ligação e entrelaçando o sagrado e o profano.

---

<sup>8</sup> Arraiás: Que se refere ao Festejo Junino.

Para além da comemoração do santo São João, ainda há mais dois santos importantes que compõe as comemorações do mês de junho, que são: São Pedro e Santo Antônio. Rodrigues (2008) diz que:

Neste mês acontecem as tradicionais festas juninas por todo este vasto interiorzão brasileiro. Em torno de uma fogueira acesa em uma pilha de grossos troncos de árvores secas recolhidas das beiras das matas, as famílias se juntam para celebrar São Pedro, São João e Santo Antônio. E após a procissão, que é o começo de tudo, erguem os mastros com as efígies dos santos homenageados, aos quais oram pedindo por safras mais fartas. (RODRIGUES, 2008, p. 1)

O primeiro santo a ser celebrado é o Santo Antônio, no dia 13 de junho. Conhecido como santo casamenteiro, que pela crença, auxilia solteiras e solteiros a encontrarem o seu par ideal, fazendo com que os devotos e o público recorram as simpatias, a fim de que suas preses sejam atendidas. Geralmente, sua imagem é representada segurando o menino Jesus.

Em seguida, temos o santo mais famoso deste trio comemorativo: o São João. Sua data comemorativa se dá no dia 24 de junho e pode-se dizer que esta data é o auge das comemorações juninas. Considerada o ápice entre os quadrilheiros e o público em geral, fazendo com que até mesmo muitas pessoas ao invés de falar “festa junina”, usem termos como “festejos de São João”, “noites de São João”, “dançar o São João”, entre outras variações.

No dia 24 de junho, é o dia em que as pessoas começam a preparar as famosas fogueiras nos terreiros, nos cantos das ruas, nas frentes de suas casas e em outros locais. A fogueira é um símbolo tão importante que está presente tanto nas ruas em sua forma real, quanto nas imagens representativas em convites, decorações, cartazes, além de ser citada nas músicas de quadrilhas. Na figura a seguir, podemos observar a fogueira iluminando a rua em uma noite junina.

**Imagem 1 – Fogueira Junina**



**Fonte:** SILVA, Wellington. 2021.

Pedrosa (2016) aborda sobre o simbolismo da fogueira, que está ligado à 24 de junho, que é justamente a comemoração do aniversário de São João:

A lenda diz que nesse dia ele prefere dormir o dia todo para não ver as fogueiras na Terra e ficar com vontade de descer e comemorar também. Por isso mesmo, as pessoas soltam fogos de artifício para tentar acordá-lo. Entre os costumes católico, a festa é marcada pelo levantamento do mastro de São João. Foi São João quem criou o batismo e que batizou Jesus. (PEDROSA, 2016, p. 1)

Para finalizar a tríade de santos comemorados no mês de junho, tem São Pedro, conhecido como protetor das viúvas e dos pescadores, no dia 29 de junho. Neste dia, de forma simbólica, ele “rouba” o mastro de São João para encerrar os festejos do mês.

Apesar das fogueiras serem bastantes famosas no dia de São João, no dia de São Pedro também se acendem as fogueiras de forma triangular, além do pau-de-sebo<sup>9</sup> como simbolismo para esta comemoração. Na imagem a seguir, podemos observar as imagens dos santos que compõe o mês de Junho em uma exposição na Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA).

---

<sup>9</sup> Pau de sebo: É um mastro untado de sebo (gordura animal) que se presta a uma atividade recreativa típica das festas juninas. A brincadeira consiste em subir ao alto de um mastro de madeira alto com o objetivo de alcançar o prêmio colocado no topo.

**Imagem 2 – Imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro expostas no corredor da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA)**



Fonte: acervo pessoal Fábio Cardoso, 2023.

Acredita-se que por volta do século XX, as quadrilhas juninas começaram a se espalhar por diversas regiões do Brasil, se disseminando de forma que ganhasse espaço nas grandes cidades, como também nos interiores. Deste modo, a quadrilha se tornaria mais popular ainda e continuaria em uma transformação constante, visto que, cada região do Brasil adotaria uma singularidade, assumindo aspectos específicos de cada região, trazendo elementos culturais de cada parte, resultando em adaptações própria, criando uma forma de identidade regional.

Hoje em dia, a quadrilha junina é bem forte e tem como maior simbolismo a região Nordeste, onde acontecem grandes festivais e concursos, construindo também sua própria identidade, fazendo com que seus espetáculos sejam grandiosos e sendo referência para todo o Brasil, ganhando seu devido destaque e popularidade.

Para além da grandiosidade do espetáculo enquanto popularidade e estética apresentada, percebe-se o quão grandioso é até mesmo pelos brincantes que participam da quadrilha, fazendo com que ela tenha muitos pares compondo o grupo, além da equipe de músicos e produção que estão ali trabalhando em conjunto. Ou seja, são muitas pessoas que então envolvidas em todo o processo desde a criação até a apresentação. Nas imagens 03 e 04, trago alguns momentos durante a apresentação de uma quadrilha nordestina.

**Imagem 03 – Momento do casal de noivos com o Padre.**



**Fonte:** MEIRELES; ARAÚJO (2022).

**Imagem 04 – Quadrilha Linda Flor do Sertão**



**Fonte:** MEIRELES; ARAÚJO (2022).

Nas quadrilhas da região Nordeste, noto algumas características bem forte no repertório do espetáculo, como por exemplo: os cenários; o traje das damas com saia bem cheia e anágua, porém, um pouco mais caída e longa; músicas ao vivo, com a letra específica para o grupo junino; a teatralização; o casal de noivos e a rainha da quadrilha, além dos efeitos do gelo seco e do papel picado, atraindo e chamando a atenção do público em geral.

## 2.2 A QUADRILHA JUNINA EM BELÉM DO PARÁ

Na região Norte do país, em específico no estado do Pará, a quadrilha junina também se adaptou às transformações, tendo em vista que, no Pará, há uma rica identidade regional, uma imensa criatividade na criação dos espetáculos apresentados, os quais estão em constantes mudanças, que vão desde as coreografias até o traje que os brincantes usam, composições estas que se diferem da região do Nordeste, por exemplo.

Percebo que as características e os costumes do povo paraense, vão estar presentes nas festas juninas comemoradas na região observadas nas danças, nas músicas regionais, na culinária local e principalmente na quadrilha junina.

Em Belém, em meados dos anos 50 já acontecia a manifestação na cidade, porém, Leal (2004) nos aponta uma falta de dados e referência que justifiquem o surgimento desta dança em Belém, e principalmente de como era dançada. A artista-pesquisadora nos relata e se assegura em um único artigo publicado em um jornal (Província do Pará, 1990), que mostra inicialmente uma informação que diz o seguinte: “O Estado do Pará foi um dos principais berços da expansão e desenvolvimento da quadrilha nas terras brasileiras, e, atualmente, essa manifestação é acentuadamente revigorada no folclore paraense” (LEAL, 2004, p. 46). Ela traz este comentário no intuito de reconstruir a história desta dança em Belém, atrelando às memórias coletivas que permaneceram no povo belenense, por meio da transmissão oral, a fim de termos noção de como eram realizadas as festas juninas naquele período.

As quadrilhas juninas no Pará geralmente trazem o enredo e contexto amazônico, de um povo ribeirinho, que vive nas ilhas, com sua cultura local, influenciando diretamente ou indiretamente o processo criativo dos grupos, que vão desde os trajes até as coreografias com suas temáticas.

Observo que as quadrilhas juninas têm suas características próprias que, ao contrário do Nordeste que tem sua rainha junina na apresentação, no Pará tem-se as misses juninas, que são

as misses: caipira<sup>10</sup>, mulata<sup>11</sup> cheirosa e miss simpatia<sup>12</sup>. As três misses têm suas apresentações individuais com músicas diferentes e dançam antes da quadrilha se apresentar. Os principais concursos em Belém são organizados pela Fundação Cultural do Município de Belém – FUMBEL e pelo Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves, CENTUR, com os grupos contendo aproximadamente de 16 à 24 pares, contendo um marcador. A quadrilha tem como tempo de apresentação, o tempo de 20 minutos, mas para as apresentações individuais das misses, o tempo é de 2 minutos para apresentação da coreografia. Outra característica de quadrilha junina paraense são os trajes das damas. Suas saias são mais curtas comparadas com as do Nordeste e são mais armadas, com suas anáguas mais levantadas ficando bem à altura do quadril.

**Imagem 05 – Ariana Barbosa, Miss Mulata da quadrilha Matutinhos da Cremação.**



**Fonte: Agência Pará (2015).**

Na imagem acima pode-se observar a roupa um pouco mais curta, mostrando mais o corpo. A brincante usa uma blusa mostrando a barriga, os braços e a perna mais exposta, com um traje florido e tecido franzido. Faço um comparativo com a cultura local paraense onde

<sup>10</sup> Miss Caipira: É a mulher mais importante da Quadrilha, que carrega a temática de seu grupo na sua coreografia e figurino.

<sup>11</sup> Miss Mulata: Carrega consigo a força da quadrilha.

<sup>12</sup> Miss Simpatia: Tem a função de representar a graciosidade de seu grupo coreográfico.

temos o carimbó e lundu<sup>13</sup>, danças essas que ditam os costumes locais, nos quais as pessoas comumente vivem nos interiores, trazendo a sensualidade, o rebolado e o corpo mais expostos.

### Imagem 06 – Casal dançando carimbó



Fonte: MIRANDA (2022)

O carimbó é uma dança originária da região Norte, especificamente no estado do Pará, apresentando características próprias da cultura local. A espetacularidade da indumentária da dama na dança apresenta uma saia rodada de tecido estampado, blusa no estilo tomara que caia, flores na cabeça e descalça. Já o cavalheiro, usa calça pescador e blusa com a estampa da saia da dama e também dança descalço.

Outra característica notável é a questão da apresentação, hoje em dia algumas quadrilhas juninas no Pará, apresentam a dança do início ao fim, ao contrário das quadrilhas do Nordeste que costumam ter uma introdução teatral e uma expressividade dramática voltada para o teatro muito forte nas apresentações. Ressalto aqui que não há uma generalização nas minhas falas, pois, há grupos no estado do Pará que também trabalham esta questão teatral, os temas não são somente da cultura local, há variações de acordo com a criação e temática de outras culturas ao redor do Brasil.

<sup>13</sup> Lundu: É uma dança e canto de origem africana introduzido no Brasil pelos negros escravizados. É uma dança que executa movimentos de quadril, na qual damas e cavalheiros executam movimentos de rebolados. Na região do Marajó, encontra-se o Lundu Marajoara, dançado pelos grupos folclóricos da região (LUNDU, 2023).

Enfatizo que, existe uma teatralidade nas performances das quadrilhas juninas do estado do Pará, mas, não é tão forte quanto às quadrilhas do Nordeste. Enquanto pesquisador-artista da cena-intérprete-criador e telespectador que prestigia e se faz presente nos eventos juninos, percebo que aqui no Pará os grupos prezam muito pela dança em si nas apresentações. Na imagem a seguir, trago uma quadrilha junina do estado do Pará, onde nota-se aspectos regionais do estado em sua apresentação.

**Imagem 07 - Quadrilha Junina Paraense no concurso da FUMBEL, na praça Waldemar Henrique, em Belém.**



**Fonte: DOL (2022)**

É notável a riqueza na criação coreográfica das quadrilhas juninas no estado do Pará e como elas estão em constante evolução de acordo com o tempo. Observo tanto na quadrilha junina quanto nas festas juninas que há uma identidade voltada para a cultura local, criando um estilo próprio, percebidos nas músicas, na culinária junina, nos trajes, dentre outros. Nos versos da letra da música “Quadrilha da Pantera”, que conta uma certa história em nossa terra, contada por um próprio artista paraense, tal música que é muito conhecida em nossa região, fazendo com que este pensamento fique mais evidente.

Ouvi dizer que estava aqui, na terra do açai  
Um inspetor francês chamado Closeua  
Se o Scott Land Yard, eu não sei

Só sei que o nosso molinho de pimenta  
Francês nenhum aguenta

Tô pagando pra ver, a pantera remexer  
Remexendo morena, o francês vai ser morder  
Mestre Lucindo e Pinduca  
Tocam a comacheira, no carimbó do macaco  
E a pantera nas carreiras

Tô pagando pra ver, a pantera remexer  
Remexendo morena, o francês vai ser morder  
Mestre Lucindo e Pinduca  
Tocam a comacheira, no carimbó do macaco  
E a pantera nas carreiras

E je suis, blá, blá, blá  
Mademoiselle, blá, blá, blá  
Merci beaucoup, ora, vá tomar

E je suis, blá, blá, blá  
Mademoiselle, blá, blá, blá  
Merci beaucoup, ora, vá tomar

Música: “Quadrilha da Pantera” da banda paraense Fruta Quente

### 2.3 MODERNIDADE JUNINA: TRANSFORMAÇÕES, ESTILOS, TRADICIONALIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Além do processo de disseminação que ocorreu por todo o Brasil em cada região, onde se adotou um modelo festivo e um jeito próprio de dançar quadrilha, há uma fragmentação dentro desta perspectiva, o qual são criados os estilos de quadrilhas juninas que sofreram alteração de acordo com o tempo, desde a caipira até o que se é visto nos palcos de hoje.

O tradicional caipira não é esquecido nas coreografias e contextos, entretanto, já não é o único modelo a ser seguido. Há quem critique e diga que a raiz se perdeu, surgindo grandes espetáculos que trazem mais elementos, que não se limitem ao tradicional, criando possibilidades de movimentos e temáticas variadas e diversas. A partir deste olhar, Rodrigues (2008) diz o seguinte:

Hoje isto está um pouco estilizado, a tradição se cultiva em festas armadas na cidade grande, longe das raízes, perdidos no tempo, a começar pelos convites

escritos num dialeto que já nem se fala mais. O caipira já não existe, não daquele jeito. O Jeca Tatu já era. O caboclinho reservado de outrora foi substituído por um empresário rural moderno, ligado no computador (RODRIGUES, 2008, p. 1).

De fato, não esquecer das raízes e da essência é de suma importância. Porém, na década de 70, houve uma interferência do modernismo que por influência da televisão e da música daquela época, os coreógrafos começaram a introduzir elementos que se destacassem de outros grupos, naquele período também aconteciam os festivais de quadrilhas e grupos folclóricos. O tradicional não era esquecido, mas havia um aperfeiçoamento dos movimentos daqueles brincantes.

Neste mesmo período, acontece o crescimento da indústria cultural, com a ampliação de aparelhos tecnológicos e de alta qualidade, facilitando o acesso da comunicação entre pessoas até mesmo nas camadas menos favorecidas. Leal (2004) nos conta um pouco desta transformação que acontecia neste momento na cultura popular:

As danças populares, mostradas pelos quadrilheiros, durante os anos 70, começaram a tomar um outro rumo, devido às influências das novas informações que os dançarinos de folclore traziam dos festivais que participavam em outros Estados, como também da TV, das músicas de Forró e da Jovem Guarda, denominadas de modernas pelos quadrilheiros. Todos estes fatores influenciaram na pesquisa de movimento para recombinação dos passos da quadrilha com os passos das danças populares. A interseção os auxiliou a iniciarem o processo de mudança coreográfica, a partir do Xote e do Forró (LEAL, 2004, p. 72).

Deste modo, tivemos um enriquecimento destas práticas que passariam a se consolidar com novas ideias e experimentações nos enredos juninos. Concepções estas que se estendem até os dias atuais, que também estão em constantes transformações de acordo com a época, por influência da mídia, dos aspectos socioculturais, urbanos, dentre outros aspectos voltados para onde vivem e por quem prática.

Na contemporaneidade, nós temos uma complexidade de discussões e questionamentos gerados a partir destas transformações, mas, é notável o quanto de possibilidades foram criadas para as coreografias. Percebo uma vasta criatividade dos coreógrafos e dos brincantes, sem esquecer a essência de dançar o São João, resultando em uma quadrilha espetacular.

A modernidade traz um verdadeiro *show* para os arraiais realizados, arrastando e encantando as multidões que estão ali presentes. Atualmente, a partir dos autores consultados, apresento três tipos de quadrilhas juninas que se criaram durante todos estes períodos de existência, no entanto, digo que outras nomenclaturas são dadas para as quadrilhas:

- **Quadrilha Matuta:** conhecida também como quadrilha tradicional, tornando-se referência quando falamos em quadrilha junina. Esta modalidade trás diversas características e estética *matuta*, simbolizando o homem matuto que vive no âmbito rural, o gênero forró e o casamento. Em suas movimentações, carregam seu tradicionalismo com os comandos da quadrilha já conhecidos, geralmente em duas filas (damas e cavalheiros) e com comandos feito pelo marcador.

Para compreendermos mais sobre o homem matuto e sua narrativa enquanto modalidade de quadrilha junina, Neto (2008) diz que:

O matuto é um personagem concebido através da caricatura do rurícola feita pelo citadino, foi utilizado como um dos artificios para a legitimação do processo de urbanização tem o papel de associar a imagem do campo ao atraso e ao passado, em contraponto a cidade ligado ao progresso e a modernidade. O matuto é o ponto de partida para se pensar na estética das quadrilhas tradicionais, é em torno dele que orbitam os demais elementos, dentro da manifestação ele ocupa uma posição que Albernaz (2004:01) define como centralidade simbólica, “uma centralidade em torno do qual outros significados são negociados e reposicionados” (NETO, 2008, p. 23).

- **Quadrilha Estilizada:** essa sendo a mais ousada, é muito praticada pelos grupos juninos atualmente. Esta acompanha fortemente o processo de modernidade, visto que é muito influenciada por outros elementos que compõe a temática do grupo, movimentos coreográficos fora do que é dito tradicional (porém, contém também os movimentos tradicionais), tornando-se um verdadeiro *show* para os palcos de festivais e outros arraiais, com cenários grandiosos, figurinos luxuosos e a música eletrônica com ritmo mais elétrico.

Melo (2006) explica que:

Em todos os aspectos, a quadrilha estilizada na sua re(criação) se distancia do formato da tradicional quadrilha matuta ou tradicional, a primeira, exibindo uma profusão de novos elementos aproximando-se do estilo carnavalesco numa ruptura brusca ao formato tradicional cuja base se consubstancia de roupas de chita, chapéu de palha, estilo satírico e caricaturizada (MELO, 2006, p. 4).

- **Quadrilha Cômica:** também conhecida como humorística ou maluca. Pode se considerar uma fragmentação da estilização, visto que é a que mais acompanha a contemporaneidade trazendo outros elementos para dentro do contexto de uma quadrilha, fortemente influenciado pela época atual e local em que se vive, sendo muito teatral, performática e comercial, parodiando e servindo de alívio cômico. Invertem os papéis de damas e cavalheiros, se travestindo como forma de entretenimento. Suas composições coreográficas vão do tradicional que é essencial até coreografias e performances bruscas, fora do contexto quadrilheiro. Há várias formas de criação e liberdade de expressão.

Viana (2019), a partir do estudo da uma performance do grupo “Virgens do Beco” de Santarém-PA, nos traz uma pequena noção do que seria um grupo cômico/humorístico e diz o seguinte:

O grupo atua no período junino, em praças públicas e ruas da cidade, apresentando enredos cômicos desenvolvidos em linguagem alegórica e grotesca, em composições que combinam dança e teatro. Nas apresentações, comportam-se de formas esdrúxulas, executam movimentos exagerados nas danças, fazem diversas referências enfáticas aos órgãos sexuais, travestem-se e invertem tradicionais papéis de gênero, provocando o riso das plateias. Nesse contexto, este estudo questiona como são elaborados os conteúdos risíveis dentro da quadrilha humorística e quais são os sentidos do riso que se insinua nos festejos juninos.

Após conhecer um pouco do contexto histórico das quadrilhas juninas, na próxima seção, nós iremos abordar e adentrar em um estilo específico o qual é a escolha de meu objeto de pesquisa, que são as Quadrilhas Cômicas, que não são muito pautadas, além de ser um estilo mais recente dentro da estilização comparada à outros modos de se fazer quadrilha.

### 3 SOLTA O SOM DJ!: ARTE, DIVERSIDADE E HUMOR DAS QUADRILHAS CÔMICAS NO PARÁ

A Quadrilha Cômica surge em minha vida desde muito novo. Recordo que tive meu primeiro contato ainda criança, quando eu dançava na quadrilha tradicional e mirim *Matutos Kids*<sup>14</sup>. Lembro-me que depois da quadra junina, em julho, havia uma grande festa de encerramento na rua do bairro onde a quadrilha ensaiava, em São Brás, pois os moradores se reuniam para fechar o ciclo festivo, realizando a última apresentação do ano dos *Matutos kids*, da quadrilha tradicional adulta *Os Matutos de São Brás*. Nesse dia, havia apresentações de misses crianças e para fechar a noite, acontecia a quadrilha “maluca/cômica/humorística”. Nesse momento, os brincantes trocavam de roupa entre si, os cavalheiros vestiam a roupa das damas e vice-versa, os moradores ao redor também entravam na brincadeira colocando roupa de suas esposas, maridos e vice-versa. Tudo era montado na hora, havendo um tempo para se arrumar e a quadrilha surgia com suas teatralidades cômicas, apresentações humorísticas e passos de quadrilhas feitos na hora, comandada por um marcador, acontecendo assim, uma brincadeira de rua como forma de encerramento.

Deste modo, mesmo que de forma inconsciente, a quadrilha cômica já estava presente na minha vida e já tive esse contato quando entrei na brincadeira naquela época quando era criança, tornando-se hoje meu fenômeno de pesquisa para este trabalhando de conclusão de curso da Licenciatura em Dança da UFPA.

Minha participação nessa brincadeira foi apenas uma única vez durante os dois anos que dancei na quadrilha *Os Matutos Kids*. Logo após, a continuidade da minha trajetória artística em relação à este fenômeno de pesquisa, se dá mais tarde na comunidade Sto. Agostinho da Aldeia, no bairro de Canudos em Belém-PA, no ano de 2010, onde comecei a observar a quadrilha cômica *Frescura na Roça* que dançava no bairro e adjacências e participava de concursos, como o da FUMBEL, quando era convidada.

Tentei entrar na quadrilha no ano de 2011, mas naquele ano, eu era coroinha da igreja São José de Queluz, da comunidade Sto. Agostinho da Aldeia que pertencia a esta igreja. Fui chamado pelos coordenadores do grupo para uma reunião. Eu teria que decidir entre ficar no grupo de coroinhas ou entrar na quadrilha, por questões de que não daria para ficar nos dois ao mesmo tempo, para não sujar a imagem do grupo que é vinculado à igreja. A igreja de um certo modo, em um determinado momento histórico, mais específico na idade média, já trás uma

---

<sup>14</sup> Kids: Do inglês que traduzido para o português significa crianças.

certa condenação relacionado à dança, partindo para um outro viés que já não condiz com certos pensamentos. Para Caldeira (2009, p. 4), a autora nos aponta o seguinte:

Esta perversão dualista do cristianismo trouxe como conseqüências a consideração do corpo como um obstáculo à vida da alma e a orientação da vida para um outro mundo, com a negação da carne, que deve ser ignorada, punida, mortificada. Além disso, o próprio comportamento dos pantomimos e dançarinos geravam reações negativas, devido às suas indumentárias e seus ritos tidos como “afeminados”. Começaram dessa forma, a serem associados a distúrbios públicos. (CALDEIRA, 2009, p. 4)

Naquela época, inocentemente, quis permanecer no grupo de coroinhas e acabei não participando da quadrilha naquele ano, mas continuava a acompanhar os ensaios e as apresentações. Em 2013, a quadrilha cômica saiu da comunidade por conflitos internos e religiosos e passou a ter as ruas do bairro como local de ensaio. Então, naquele ano, decidi participar do grupo.

Após a saída da Quadrilha Cômica da comunidade, passou a se chamar *Frescura de Canudos*, onde dancei até o ano seguinte, 2014. A quadrilha cômica apresentava homens vestindo-se de mulher e mulher de homem, mas na quadrilha *Frescura na Roça/Frescura de Canudos* havia uma exigência diferente, que era a temática do grupo, ou seja, o figurino tinha que representar um personagem, seja de um desenho animado, algum filme, cantor, entre outras figuras. Esse foi o motivo pelo qual me senti atraído em participar.

Cabe ressaltar que para este estudo e contextualização do que seria a quadrilha cômica, que também pode ser conhecida como “humorística” ou “maluca”, conforme citado na página 35 desta pesquisa. Enquanto pesquisador, sublinho que haverá um ponto de vista pessoal e um estudo realizado com os outros grupos que já atuaram ou ainda atuam em Belém e se denominam como tal.

Não se sabe ao certo quando começou este movimento em Belém, mas, é de conhecimento de alguns grupos muito antigos que já atuaram em Belém nesse contexto cômico e os trarei nesta pesquisa, em uma tentativa de registro histórico e de contextualização, visto que não se tem registros dessas informações. Para isso, foi necessário realizar uma pesquisa de campo e entrevistas com os participantes dessas quadrilhas.

Para além do registro histórico, também será abordado de uma forma geral sobre o que é uma quadrilha cômica e qual o termo é mais usado pelos grupos, visto que não há uma maneira certa de como é uma quadrilha cômica/maluca/humorística ou como se cria uma. Entretanto, a partir desta perspectiva, irei discorrer a partir de alguns pontos de vista, entre coordenadores, coreógrafos, brincantes de quadrilha cômica, cujo intenção é identificar elementos de vários grupos de quadrilhas cômicas para que se possa chegar a uma possível definição deste estilo de quadrilha junina.

Foram selecionadas algumas Quadrilhas Cômicas do estado do Pará, especialmente, as que estavam ao meu alcance e as quais obtive o contato de brincantes, coreógrafos, presidentes, para a coleta de dados. A partir daí, criei o quadro a seguir:

**Figura 8 – Quadro demonstrativo das Quadrilhas Cômicas de Belém**

NOME DA QUADRILHA CÔMICA	ANO DE FUNDAÇÃO	BAIRRO	CIDADE
Frescura na Roça	2003	Fátima	Belém
Frescura na Roça da Sacramentoa	2012	Sacramentoa	Belém
Sem Recalque	2014	Terra Firme	Belém
Fogo no Rabo de Canudos	2015	Canudos	Belém
As Mapôs	2016	Marco	Belém
As Piriguetes	2016	Guamá	Belém
Fogo no Rabo do Benguí	2017	Benguí	Belém
Close Junino	2018	Canudos	Belém
As Cabaçadas*	2019	Barcelona	Santo Antônio do Tauá
Fuleragem na Roça	2019	Marambaia	Belém

\* As Cabaçadas consta nesse quadro por ser a única quadrilha cômica fora de Belém que mostrou interesse em participar da pesquisa quando realizamos os primeiros levantamentos sobre a temática.

**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2023.**

A coleta das entrevistas foi realizada por meio das redes sociais, pessoalmente em conversa com amigos e colocando-me na pesquisa, a partir do meu ponto de vista e vivência que tenho como praticante-coreógrafo e presidente de grupo junino.

No nome das Quadrilhas Cômicas, você já começa a perceber a comicidade, irreverência ou termos associados à cultura LGBTQIA+. Pelo nome, os grupos já provocam o riso em muitas pessoas quem leem ou escutam na hora que anunciam as apresentações.

Durante a busca para encontrar os grupos para a realização da pesquisa, consegui um dos grupos mais antigos e famosos do cenário das quadrilhas cômicas ou humorísticas em Belém, a quadrilha *Frescura na Roça*, do bairro de Fátima. Gostaria de destacar neste trabalho a quadrilha cômica *Frescura na Roça* por ser uma das precursoras deste movimento.

Tive a oportunidade de conversar com Jefferson Ximenes e Priscilla *Drag*, onde puderam compartilhar um pouco da experiência que tiveram na *Frescura na Roça*, do Bairro de Fátima e como se dava esta prática dentro do contexto junino.

#### **Imagem 9 – Quadrilha Frescura na Roça, bairro de Fátima.**



**Fonte: arquivo pessoal Marjory Rabech (aproximado 2006).**

Durante a conversa, a quadrilha cômica/humorística foi o primeiro e único grupo junino *gay* de Belém, no qual não havia mulheres. Os cavalheiros eram meninos *gays* e as damas eram meninos *gays* que se vestiam de mulher, ou seja, todos os componentes eram *gays*.

A quadrilha era comandada por 3 pessoas, que, infelizmente já faleceram, mas Jefferson e Priscilla *Drag* puderam compartilhar um pouco da dinâmica do grupo, que foi essencial para o objetivo de resgate histórico do cenário em das quadrilhas LGBTQIA+ e cômicas em Belém.

A *Frescura na Roça* a cada ano trazia temáticas para a quadrilha e no seu repertório, além das músicas de quadrilhas, o grupo trazia outras músicas, inclusive dando foco ao regionalismo. Priscilla *Drag* disse que “não podia faltar o tecnobrega<sup>15</sup>”. Para abrilhantar o repertório, Jefferson Ximenes reforça: “tinha as partes cômicas que eram as misses, que eram uma atração de morrer de rir, elas ficavam loucas, davam o nome delas”. Ou seja, desde essa época, percebe-se o uso da licença poética a seu favor, fazendo um misto de estilos musicais, não se restringindo somente a músicas de quadrilhas.

A Quadrilha *Frescura na Roça* é considerada o grupo junino *gay* mais famoso de Belém, que chegou a dar entrevistas e participou de reportagens para as emissoras locais além, de se apresentar em lugares renomados da elite em Belém, como na Assembleia Paraense, em concursos estaduais e municipais como o “Arraiá de Todos os Santos” no CENTUR e o arraial de Belém realizado pela FUMBEL.

O grupo que arrastava multidões e se consolidou no cenário junino e LGBTQIA+ no Pará encerrou as suas atividades em 2009, mas, deixou um legado importantíssimo no estado do Pará, o qual foi essencial tanto para esta tentativa de contexto histórico, como para as práticas atuais realizados por diversos grupo ao redor do estado, que seguiram a mesma linha dessa prática.

Para dar continuidade na pesquisa a partir da coleta de dados, selecionei algumas perguntas que eu enxergava como necessário para a contextualização das Quadrilhas Cômicas, como: O que é Quadrilha Cômica para você? Qual o termo mais adequado: cômica, humorística ou maluca? Como surgiu a quadrilha e qual a sua proposta? Onde acontecem os ensaios e apresentações? Como se vestem? Quem são essas pessoas que dançam? Como as apresentações são construídas? O que não pode faltar em uma Quadrilha Cômica/Humorística/Maluca? Ao final dos questionamentos, pedi para que mandassem alguns registros para eu observar a prática, analisar e mostrar para compor o diálogo com o texto.

---

<sup>15</sup> Tecnobrega: É um gênero do ritmo do brega, que é um gênero musical que surgiu em Belém, do Pará na década de 2000.

As respostas trouxeram uma variedade de visões e construções, porém, estão interligadas umas às outras. Apesar de algumas diferenças, pois cada grupo tem a sua perspectiva, objetivo e estilo para a quadra junina, as informações acabaram se conectando.

Inicialmente, criei uma visualidade, na tentativa de compreender a quadrilha cômica. Para isso, trago o conceito de “Q” de minha autoria ao observar ao longo da escrita do texto o formato da letra, onde a letra significa “quadrilha” e dentro deste círculo coloco palavras importantes que identifico em cada fala dos grupos entrevistados, ou seja, palavras que compõe uma Quadrilha Cômica. O pequeno fio que compõe a letra “Q”, que começa de dentro do círculo e que vai para fora, no meu entendimento, significa que essas palavras são a base para a criação e conceito de quadrilhas cômicas, porém, ela vai para fora desse círculo como se fosse a identidade visual de cada grupo, a perspectiva e opinião dos diretores, brincantes e coreógrafos, fazendo com que esse estado fora do círculo fosse a licença poética e a criação de cada um, porém, sempre interligado com o que está dentro do círculo.

**Figura 10 – Conceito de Quadrilha Cômica.**

## QUADRILHA CÔMICA



Fonte: criação do pesquisador Fábio Cardoso, 2023.

Outro questionamento e debate deste tema de pesquisa é a nomenclatura desta prática. Não se sabe ao certo como usar corretamente e no vocabulário dos praticantes e do público existem três termos: quadrilha cômica, quadrilha humorística e quadrilha maluca. Inicialmente, irei colocar minhas impressões que fomentam o debate e em seguida colocar o ponto de vista de cada entrevistado.

Dentre os 3 termos, o mais usado e conhecido atualmente é o de “maluca”, principalmente no vocabulário de quem assiste. Eu também conhecia os grupos por este termo e quando criei o meu próprio grupo também usava essa nomenclatura de maluca. Entretanto, ao longo dos anos e estudos aprofundados que fui realizando, juntamente com os questionamentos gerados no curso de Licenciatura em Dança, percebo que esta nomenclatura se apresenta de forma um tanto pejorativa, com insinuação de algo em desordem, bagunçado, até porque o significado da palavra vem relacionado à problemas mentais, distúrbios, loucos, entre outros, que ligado ao estilo de quadrilha, dá a entender que é feito de qualquer maneira, tirando a seriedade do trabalho dos grupos.

Portanto, o “cômico” ou “humorístico” acaba fazendo ligação à gêneros literários, como se percebe em peças teatrais, que também ocorrem muitas *performances* de teatro e dança-teatro<sup>16</sup> dentro das quadrilhas deste estilo, tornando-se este termo mais formal e artístico. Desta forma, para este trabalho e para a minha prática, opto por “quadrilha cômica”, mas, não excluo o termo “quadrilha humorística”.

Durante a pesquisa com os 10 grupos entrevistados, 7 pessoas optaram pelo uso do “Cômico ou Humorístico”, 2 pessoas deixaram em aberto, deixando opção a utilização dos 3 termos e 1 sinalizou o termo “maluca”. Inclusive, a quadrilha *Frescura na Roça* de 2003, uma das pioneiras, usa o termo humorístico e descarta o “maluca”. Para o artista Fabrício Damasceno, da quadrilha cômica *As Piriguetes*, diz que: “a Quadrilha Cômica tem como fundamento maior que uma quadrilha maluca, no qual seu traje e modo de dançar são bem mais destacados e organizados”.

Outro ponto alto da pesquisa na contextualização, foi de que a Quadrilha Cômica tem a inversão de papéis como sua característica principal, que é o homem se caracterizar de mulher e vice-versa, conforme a página 35. Entretanto, há algumas e pequenas exceções, onde a caracterização acontece de forma como a pessoa se encaixar melhor. Por exemplo, uma mulher

---

<sup>16</sup> Dança-teatro: A expressão dança-teatro (tradução da expressão alemã "Tanztheater") era usada por Rudolf Von Laban para descrever uma arte independente das outras; com coreografias que incorporavam movimentos do cotidiano e movimentos abstratos em uma forma narrativa. É uma dança com "efeito de teatro". Fonte: [andarilho.net/2009/12/o-que-e-danca-teatro.html](http://andarilho.net/2009/12/o-que-e-danca-teatro.html)

trans dança realmente como ela se identifica. Em relação ao traje, muitos grupos costumam trazer temáticas, outros optam apenas pela diversão e usam um traje qualquer. Para Menêzes (2016, p. 5) nos traz uma reflexão sobre a vestimenta para o cenário da dança:

O figurino potencializa, mas pode, também, tornar-se um fator restritivo ao entendimento da dança que na cena quer se impor. A compreensão em como se dá o construto das vestimentas, transita necessariamente no conhecimento da proposição artística geral para elucidar aquilo que lhe é particular. Assim, o figurino passa a ser um processo criativo a seu próprio modo, e não mero adorno aos corpos. (MENÊZES, 2016, p. 5)

**Imagem 11 – Quadrilha Cômica *Fogo no Rabo* no concurso de quadrilhas cômicas da “As Apimentadas”, em Icoaraci, 2022.**



**Fonte: Arquivo pessoal de Bruno Moraes, 2022.**

Identifico entre todos os grupos selecionados que, no seu repertório musical, metodologias, processos coreográficos, entre outros elementos na construção, há outros ritmos musicais que compõe cada espetáculo que não seja de quadrilha. Não pode faltar as

*performances* cômicas, seja sela individual, encenação de pessoas ou a quadrilha inteira, ou seja, o humor deve estar presente mesmo que seja em diferentes formatos. Não pode faltar a miss que são os destaques, podendo ser ela no contexto junino caipira, ou uma outra forma performática, usando a comicidade na dança-teatro ou não, a possibilidade de criação fica em aberto, de acordo com a candidata, grupo ou temática.

**Imagem 12 – Miss da Quadrilha Cômica *Fogo no Rabo do Benguí***



**Fonte: Arquivo pessoal de Bruno Moraes, 2022**

Muitas quadrilhas cômicas surgem como uma brincadeira entre amigos da rua ou dentro das escolas, em uma reunião entre alunos e outros criam a partir da visão de uma outra quadrilha como inspiração.

### Imagens 13 - Quadrilha Cômica *As Piriguetes* do Guamá



Fonte: arquivo pessoal de Fabrício Damasceno, 2020.

Os ensaios acontecem geralmente nas ruas, comunidades ou escolas. As apresentações dos grupos, em sua maioria se dá como uma prática de rua, nas ruas do bairro, na periferia da cidade. Há momentos em que as quadrilhas são convidadas a se apresentarem em outros lugares mais fechados, elitizados, em quadras etc. Porém, os grupos em sua maioria nasceram nas ruas e se apresentam nas ruas.

Para análise da quadrilha cômica, os entrevistados colocam seu ponto de vista contextualizando a prática como: “um movimento para diversificar as festas juninas; um escape do tradicionalismo para abranger outras formas de arte e ritmo nesse mês festivo”, “uma quadrilha que o povo gosta de ver”, “um conjunto de danças e uma mistura de ritmos e de músicas criativas e divertidas”, “é um leque de entretenimento, onde podemos levar a dança e o teatro de forma alegre para todos os tipos de público, “vem para desconstruir o famoso tradicionalismo das quadrilhas, trazendo para o público bastante alegria e consciência”, “alegrar e abrilhantar as quadras junina saindo um pouco do tradicional” e “onde juntamos o sagrado e o profano no São João, onde levamos a cultura junina misturando o moderno sem esquecer do tradicional, onde levamos alegria e diversão de uma forma lúdica e engraçada através da arte”.

Percebo através dos entrevistados que a Quadrilha Cômica é uma estilização, com um leque de possibilidades criativas. Nos grupos, cada um tem o seu estilo próprio de fazer, criar,

pensar e questionar a quadrilha cômica ou humorística. São quadrilhas que alegram o São João e passam por um processo constante de transformação na contemporaneidade.

**Imagem 14 – Quadrilha Cômica *Sem Recalque* abrindo o concurso de Miss Caipira Gay no CENTUR, em Belém, 2019.**



**Fonte: arquivo pessoal de Matheus Linhares, foto de Wander Pires, 2019.**

As Quadrilhas Cômicas trazem *performances* inusitadas, inesperadas, onde o improviso também se torna uma grande característica durante as performances, que muitas vezes são exageradas, alegóricas, grandiosas, de grande interação entre si e principalmente com o público. “A opção por trabalhar neste formato, está conectada a imprevisibilidade de suas experimentações, que pode gerar soluções inesperadas e diversas, visto que os artistas envolvidos têm autonomia sobre o processo.” (GUERRERO, 2008, p.3)

Ainda no processo coreográfico das apresentações das quadrilhas cômicas de uma forma mais amplas, não se restringi aos grupos selecionados, percebo que há muitos grupos que trazem *performances* em apologia ao sexo. Algumas trazem isso para o humor, outros falam que não concordam, pois, gostam de fazer arte para todos os tipos de públicos e faixas etárias.

O obsceno e o humorístico encontra-se na quadrilha cômica, mas também pode-se notar em outra prática espetacular, como por exemplo nos espetáculos de Pássaros Juninos<sup>17</sup>. Nos Pássaros Juninos Charone (2009) constata que:

Sempre, no maior momento de tensão do espetáculo, há uma interrupção para a entrada do quadro dos matutos. É neste quadro que se apresenta a característica do Pós-modernismo, a PRESENÇA DA IRONIA. Ela representa o lado cômico do espetáculo e tem por objetivo provocar na plateia um tipo de catarse, riso e gozo provocado pela irreverência, pela malícia e pela obscenidade. Tamanho acúmulo de sofrimentos próprios da nobreza tornar-se-ia insuportável para o público, não fosse a atuação orgiástica da matutagem (coletivo que designa o conjunto de matutos). Suas intervenções se dão nos momentos em que a tensão atinge patamares intoleráveis. (CHARONE, 2009, p. 139).

Muitos grupos de quadrilhas cômicas usam a *performance* como forma de entretenimento da forma mais exagerada possível, tornando a apresentação um tanto explícita em alguns momentos, levando o público à gargalhadas. No Pássaro Junino, em algumas cenas, também trazem esses gestuais para a cena. Charone (2019), continua relatando que:

O assunto mais constante na matutagem é em relação ao sexo. O sexo constitui a divertida preocupação dos matutos e os empolga bastante, falam da perda da virgindade, dos efeitos da menopausa sobre o desejo da mulher, da mulher madura em busca de homem, da impotência masculina, do adultério, da anatomia do pênis, da vagina e assim por diante. (CHARONE, 2009, p. 142).

Por mais que possa ter um teor não apropriado para muitas pessoas além, de uma recepção negativa por se tratar de movimentações obscenas, as quadrilhas cômicas encontram um modo de trazer o sexo como forma de arte e para o contexto cômico, transformando os prazeres e outros assuntos acerca destas ideias, como forma de diversão e ironia.

Como resultado de análise da Quadrilha Cômica aqui nesta pesquisa, através da coleta de dados por meio de entrevistas, observação, vivência dentro da prática e o contato a partir da pesquisa de campo e principalmente me colocando neste lugar de artista-praticante-pesquisador, trago uma contextualização autoral do conceito de o que seria Quadrilha Cômica:

- A **Quadrilha Cômica** também conhecida como humorística, é uma quadrilha estilizada e moderna que se apresenta nas festas juninas, partindo da quadrilha tradicional. Entretanto, os meninos se vestem de meninas e as meninas se vestem

<sup>17</sup> Pássaro Junino: teatro popular musicado. É uma manifestação popular genuinamente paraense, que ocorrem no período das festas juninas. Fonte: <https://musica.ufpa.br/index.php/component/content/article/2-uncategorised/303-a-musica-do-passaro-junino-tucano-e-cordao-de-passaro-tangara-de-belem-do-para.html#:~:text=RESUMO%3A%20Os%20p%C3%A1ssaros%20juninos%2C%20teatro,e%20o%20p%C3%A1ssaro%20melodrama%20fantasia>.

de menino, que apresentam coreografias tradicionais e contemporâneas de quadrilha, junto a performances inusitadas, recheadas de humor e comicidade através da dança e do teatro, misturando diversos ritmos musicais que compõe o espetáculo. É uma manifestação artística de rua ligada as características ligadas a pessoas e arte da comunidade LGBTQIA+, que através do humor e diversão, se torna um ato de resistência e reafirmação de identidade de gênero ou orientação sexual, se tornando uma quadrilha da diversidade.

### 3.1 COMICIDADE, PERFORMANCE E DANÇA: A QUADRILHA CÔMICA JUNINA

A comicidade diz muito sobre a minha personalidade e está presente no meu cotidiano enquanto pessoa que se enxerga nesta posição de um ser engraçado, divertido e alegre. Me considero uma pessoa bem-humorada em meu convívio social, aquele que vive de piadas, trejeitos e características que estão dentro da pauta cômica, pois trago esse jeito de ser para as minhas práticas.

Na arte, este meu modo de ser acaba se encontrando no grupo Aldeato, cujo seus espetáculos teatrais em sua maioria são voltados para a comédia. No espaço teatral, começo a me encaixar e a me encontrar nos personagens que atuava junto com os meus amigos do grupo. Lá, a minha participação na comédia vai se consolidar por anos, sem ao menos imaginar que levaria tão adiante as questões cômicas na minha trajetória artística.

Na minha juventude, no Grupo Aldeato, começou uma grande descoberta e uma forma de me expressar por meio do teatro, tanto como pessoa *gay* que estava sendo reprimida, quanto no repertório corporal e de técnicas que eu ia adquirindo nas apresentações.

A comicidade era tão forte nas apresentações teatrais, que, quando o grupo pós Paixão de Cristo em Canudos teve seu intuito de montar uma quadrilha, foi de forma cômica. Deste modo, surgiu a quadrilha cômica dentro da comunidade, a qual participei, tornando-se o ponta pé inicial e a semente que iria dar diversos frutos, me apaixonando por aquele fazer artístico através da diversão.

Naquela época, eu ainda não tinha me assumido como homossexual e usava a quadrilha como um pretexto para me travestir e fazer o que mais amo: atuar e dançar. Para mim, era libertador me fantasiar de mulher e sair da zona de conforto, até mesmo para esconder um “eu” reprimido, usando o “cômico” como justificativa, para as minhas *performances* e escondendo uma possível homofobia que poderia sofrer. Então, dizia que não era nada sério, que era por

puro entretenimento, quando na verdade, eu estava amando a minha montagem e podendo agir como eu realmente queria, que era através do humor.

Depois de lembrar toda a minha trajetória que começou no teatro e depois nas quadrilhas cômicas, durante o curso de Licenciatura em Dança e no pensar esta pesquisa, percebi que havia algo a mais no trabalho realizado pelos adolescentes, jovens e adultos nos bairros, visto que havia uma demanda de muitos ensaios, seriedade com o trabalho, gastos com os trajes, havia todo um processo criativo a cerca desta dança que acontece nas ruas.

Para o público que assistia, eles poderiam ver as apresentações apenas como uma animação nos terreiros e os praticantes como uma brincadeira de rua, por se divertir e dançar por um copo de mingau de milho. Para mim, começo a ver esta prática com outros olhares e percepções, gerando diversos questionamentos sendo um deles o mais importante: por que não trabalhar o cômico na dança?

Em minha vivência, inicialmente, jamais seria possível trabalhar a comicidade na dança. Jamais passaria na minha imaginação esta possibilidade, seja eu assistindo os grupos ou como brincante desta manifestação de rua.

Mundim (2013, p. 47) diz que “as ideias de riso e comicidade, embora percorram um amplo campo de atuação, frequentemente são associadas, dentro do universo cênico, à comédia enquanto gênero teatral”. Foi a partir daí que comecei a trazer para as quadrilhas cômicas o próprio gênero que era visto nos espetáculos teatrais, por exemplo.

No teatro, nós somos provocados pelo riso. Na dança, daria para fazer o mesmo? Tem como provocar o riso através do movimento não falado pela boca, bem diferente do teatro que praticava? Como fazer a dança como forma de entretenimento cômico, se eu nunca tive a oportunidade de ter o contato com isso antes? Nunca havia assistido uma dança que seria engraçada, apenas nos eixos coreografados, tecnicistas e outros propostas das modalidades de dança. Estas questões foram disparadoras e encontrei nas Quadrilhas Cômicas junto aos estudos e instigações que me estimularam nessa pesquisa.

Hoje em dia, enquanto artista-pesquisador da cena, percebo o cômico na dança como uma característica do modernismo, em uma cena contemporânea que venho observando e praticando, onde tenho um pouco mais de acesso à estas informações e coleta de dados a partir da minha vivência e estudos. Segundo Azevedo (2016, p. 149) “o cômico, na dança contemporânea, tem se apresentado de diferentes maneiras. Algumas vezes está vinculado a clichês de estereótipos e produtos culturais no que se refere a gênero, consumo e ideal de corpo, interpretado por diversos movimentos gestuais e engraçados”.

Pensando assim, a gestualidade estereotipada e engraçada pode-se encontrar até mesmo nos marcadores de quadrilhas tradicionais, quando a pessoa pega características do homem matuto para provocar o riso do público, como acontece nos espetáculos de pássaros juninos. Ou seja, a comicidade rodeia o próprio cenário junino, sem que eu mesmo pudesse perceber.

Esta modernidade está sempre em estado mutável, aberto à diversas maneiras de criação em dança, tornando o cenário contemporâneo um campo aconchegante, onde os artistas possam se sentir mais acolhidos para experimentar, trazer um outro ponto de vista e que, a partir do pensar, do questionamento, possa enriquecer sua prática com novas ideias e sair da zona de conforto, de um estado comumente apreciado por muitos. Portanto, trazer a comicidade como noção de dança, é algo inovador para mim, onde sinto a necessidade de falar sobre este assunto numa perspectiva de dança de rua, periférica e LGBTQIA+.

Dudude Hermann (2013) apud Mundim (2013), que fala sobre esses processos de criações e possibilidades em dança:

A maioria dos espetáculos teatrais que vejo estão ligados na espécie humana, o humano, o corpo social, o personagem, o texto falado, a história, os pecados capitais, as virtudes. O teatro ronda e se apoia no homem e faz para o outro homem. Isto é o que observo e sinto. Não vejo problema nisso, é uma prática. Em dança podemos criar espetáculos, usando da linguagem da improvisação pensando apenas nas intensidades, nos volumes, e tendo como parceiro tudo que ali está, seja a luz, a parede, a roupa, as cores, o desejo de ser atravessado pelo espaço, de ser afetado pela intensidade, e assim nos permitindo a ser coisa também. Tudo fala, o espaço fala, tudo é importante, trabalhamos para estar na mesma frequência e assim imagens poderosas se apresentam no momento X do acontecimento. Isto me tem interessado cada vez. Ver o visível no invisível, tornar a ser “algo”, criar campos de sensibilidades compartilhadas com o outro e deixar um estado de arte ser desvelado. (DUDUDE HERMANN, 2013 apud MUNDIM, 2013, p. 47 e 48).

Por mais que a comicidade não seja muito vista nos espetáculos de dança, seja pouco abordada no âmbito acadêmico da dança, sinto necessidade de pesquisas sobre o assunto. Mas a comicidade existe e está presente na periferia quando trago a quadrilha cômica. No entanto, por mais praticada que seja, ainda tem o preconceito contra esta comicidade realizada na periferia. Me sinto no dever de dar mais visibilidade para esta manifestação e principalmente por dialogar com as minhas experiências no campo da dança.

É preciso ver/sentir a seriedade na comicidade, que, por ter o seu lado humorístico, da diversão, de ser engraçado, as vezes não é levado a sério. A comicidade exige estudo, pois não deixa de ser algo natural que se altera no seu estado de *performance*, de forma que sustente e consiga arrancar do público o que se propõe, o riso.

O humor realizado pelas quadrilhas cômicas e pelo público LGBTQIA+, que já é uma comunidade vulnerável, junto à comicidade, pode ser alvo de descrédito por muitos, unindo o preconceito com a falta de seriedade das pessoas em relação à quadrilha praticada nas ruas da periferia, acarretando situações desconfortáveis para o praticante. Por tanto, o riso também pode se tornar um ato de resistência através da arte manifestada pelos brincantes.

Mudim (2013) diz que:

Identificamos, assim, o riso como possibilidade para enxergar a seriedade da vida, não necessariamente negando a seriedade, mas encontrando um novo modo de dialogar com ela. Significa encontrar no riso uma prática de se arriscar em vida, de se mover, de se enveredar pela poesia no fazer diário e em sua potencialização cênica que assiste ao cotidiano de modo reflexivo e amplia seus sentidos na relação com o entorno. (MUDIM, 2013, p. 51).

Rir, ser feliz, se divertir não nos torna alguém com uma menor postura, um ser inferior, que ninguém deve dar atenção. É pelo riso que a vida pode se tornar mais colorida, curar pessoas e até a si mesmo, que, indissociável à arte, juntas, se tornam uma poderosa ferramenta e de grande impacto na vida das pessoas. A comicidade na dança, “então, só carrega uma certeza: a produção de humor a partir do próprio corpo, manifestado em si próprio ou nas relações que ele cria” (MUNDIM, 2016, p. 57)

Confesso que foi pelas lentes da etnocenologia que eu encontrei a seriedade para desenvolver esta pesquisa e que por muita das vezes vi em muitos que eu não poderia levar a sério. A etnocenologia me deu sentido para pesquisar, junto ao afeto em relação às minhas práticas e daqueles que estão inseridos neste contexto da quadrilha cômica.

Durante as aulas da disciplina Manifestações Espetaculares Brasileiras, no curso de Licenciatura em Dança, recordo-me da professora Maria Ana Azevedo de Oliveira, falando sobre o comportamento da vendedora de ervas no mercado do Ver-o-Peso, onde a mesma faz uma breve análise da *performance* da vendedora ao oferecer seu produto para as pessoas que passam pelo mercado, a gestualidade que a vendedora faz para conquistar os clientes, que para o pesquisador, pode se tornar algo espetacular, pela forma do seu jeito único de se comportar, se vestir, de falar etc.

Esse exemplo narrado pela professora foi o disparador para que eu pudesse trazer a etnocenologia como teoria de base deste estudo, visto que eu tenho esse olhar como pesquisador e enxergo espetacularidade na *performance* das quadrilhas cômicas, com suas características próprias e um repertório gestual muito espetacular, por meio da dança, do comportamento dos brincantes, da criação gestual, entre outros fatores notáveis.

Oliveira (2015) sublinha a importância do pesquisador da etnocenologia estar inserido/

vivenciar e participar da prática espetacular estudada.

Destaco que por meio desta disciplina, passei a perceber a importância de participar e vivenciar no cotidiano da comunidade, os rituais, as festas, as celebrações que se pretende pesquisar, ou melhor, estar presente na manifestação, ter contato direto com as pessoas que vivem ou que fazem a manifestação (OLIVEIRA, 2015, p. 42).

Portanto, a etnocenologia me trouxe uma outra perspectiva, a de como olhar para a minha própria prática e falar do meu próprio grupo, das vivências e criações. Sendo assim, passei a enxergar a quadrilha cômica, como estudo para Trabalho de Conclusão de Curso, analisando uma manifestação popular que acontece nas ruas.

A modernidade da quadrilha cômica é singular. A espetacularidade apontada nos estudos da etnocenologia junto com a proposta de modernidade dos grupos cômicos de quadrilha junina, faz dessa prática algo especial e único para os praticantes, pois, há um imenso afeto no fazer/brincar/performar. Para Oliveira (2015):

A proposição da Etnocenologia como horizonte teórico-metodológico me fez perceber a pluralidade de significados que permeiam as práticas espetaculares. Entretanto, o estudo e a pesquisa da dança instigam porque revelam a cultura local, apresentando a singularidade dos gestos e dos símbolos representados em cada manifestação, transmitidos de forma espetacular (OLIVEIRA, 2015, p. 45).

A modernidade que a Quadrilha Cômica apresenta e todo o repertório que ela carrega, traz espetacularidade ao São João com um estilo único e que arrasta multidões, conquista o público e movimenta a periferia da cidade, que se deslocam pelas ruas do bairro, se tornando uma manifestação brasileira espetacular.

### 3.1.1 HORA DO ATRACK<sup>18</sup>: OS CONCURSOS

As Quadrilhas Cômicas não têm um concurso específico realizados pelas entidades em Belém do Pará, como acontece com as quadrilhas tradicionais que disputam no CENTUR e FUMBEL, nem em outras organizações que aconteçam pela cidade promovido pelas próprias quadrilhas e arraiás.

Os concursos das quadrilhas cômicas existem e acontecem nas ruas das periferias da cidade, que muitas vezes são organizadas por alguém da rua, que faz um arraiá ou uma Quadrilha, além de que pode criar um concurso para que outras possam participar.

---

<sup>18</sup> Atrack: forma coloquial da palavra “atracque”, que no dialeto gay é um termo para se referir à briga, disputa, confusão ou embate.

A quadrilha cômica arrasta muitas pessoas, e mais ainda quando reuni várias quadrilhas cômicas em um só lugar, dando um *show* de coreografia e humor. Observa-se nos concursos o comportamento do público que grita e torce, tornando o concurso bem animado e disputado.

O concurso das quadrilhas cômicas é muito diferente das quadrilhas tradicionais. A disputa gira em torno da mais animada, mais cômica, mais “babadeira”, a que mais dança, a que performa mais, a mais extravagante nos movimentos e na caracterização. Em se tratando do público *gay*, onde um quer ser melhor que o outro, portanto, é um nível elevado de competitividade. O *gay* que cair na “abertura”, termo assim conhecido na periferia em alusão ao *grand écart* do ballet clássico e fazendo contorcionismo, é sucesso e gritaria na certa.

As categorias variam de acordo com o organizador do evento, mas, um critério a ser avaliado é a “frescura”, onde a quadrilha tem que “frescar”, seja em grupo ou em performance individuais.

Os grupos nos concursos dão um *show* de talento em busca do troféu e a competitividade é acirrada, se tornando espetacular. Destaco que os organizadores dos concursos fazem tudo por conta própria, sem apoio do governo.

### 3.2 A QUADRILHA CÔMICA COMO ARTE LGBTQIA+ E INCLUSIVA

Uma das principais pautas que trago em relação as quadrilhas cômicas, é como ela ao longo do tempo vem sendo utilizada e praticada por muitos homens héteros cis que performam a ponto de estereotipar a comunidade, trazendo o cômico de forma ofensiva.

Parte da minha luta é trazer uma outra perspectiva, mostrando que essa prática acontece e fala muito sobre os *gays* e travestis que vivem na periferia da cidade de Belém e que já vem usando o humor como forma de ferramenta e diversão, que, hoje em dia, como praticante e pesquisador, vejo como um ato de resistência, reafirmação e luta através do riso e das performances bem elaboradas.

O ato de “se montar”, de se transformar em uma figura oposta, que vai dançar com um “eu” novo, para fazer a revelação de si mesmo como forma de arte, é uma característica muito forte e usada nas quadrilhas cômicas tanto por mim, quanto por outros brincantes.

Esse estilo de quadrilha é a forma inclusiva de agregar pessoas da comunidade LGBTQIA+, de vários tipos de corpos, etnias, vivências, para que possam se expressar usando a arte como ferramenta de libertação.

Quando eu comecei a me entender como uma pessoa *gay*, havia um outro lado meu que queria se expressar de outra forma. Nesta fase, quando tive o contato com as quadrilhas

cômicas, despertou um outro eu em mim, que queria estar montado ali dançando, sem ter a noção de que futuramente ia ser uma *drag queen*. Naquele momento, queria apenas me travestir de um outro personagem.

A Quadrilha Cômica me dava esse poder de expressividade, de ser quem realmente eu era, de forma inclusiva, sem o preconceito ou exigência de técnicas, de forma que eu me sentia confortável.

Em entrevista, em forma de conversa com meus amigos que são ou foram brincantes, coreógrafos e diretores de vários grupos juninos, realizei um questionamento de como a quadrilha cômica impactou a vida deles como uma pessoa gay, qual a visão que eles têm sobre o trabalho realizado pelos grupos a partir dessa diversidade que tanto cito.

De acordo com o Enzo Gabriel, que já foi brincante das quadrilhas *Close Junino e Sem Recalque*, disse que “representa o poder de se expressar”. Já o Maykon, presidente do grupo *Frescura na Roça da Sacramenta*, disse que encontrou uma forma de liberdade na Quadrilha Cômica. Para Dêga Lima, que foi brincante dos grupos juninos *Frescura Das Najas, Se Não me Chupe Não Me Amasse e Close Junino*, falou que encontrou um poder de libertação, expressividade de oportunidade de “se montar” no São João. O Mayke Souza, que já participou dos grupos *Frescura de Canudos, Close Junino e Sem Recalque*, contou que: “acredito eu que ver a diversidade trabalhando em conjunto para trazer alegria no mês de junho nas ruas é significativo. Na quadrilha cômica existem momentos para brincarmos e ser quem somos. Também tem a questão de entregarmos um trabalho com danças magníficas”. O Lenno Alves, da *Close Junino*, relatou que: “Ai, é tão bom quando tu estás montada dançando, se divertindo, dançando porque você gosta, quando a pessoa não te olha com preconceito e sim com admiração”. O Adrian Rabelo, que já foi presidente e brincante da quadrilha *As Mapôs*, falou que: “Penso eu que a quadrilha cômica vêm para alegrar e conscientizar as pessoas que os assistem, pois, um menino vestido de mulher, por exemplo, não irá fazer dele mais homem ou menos homem e, independente da orientação sexual, deverá ser respeitado”. O Kaká, que já dançou na *Frescura das Najas* e hoje em dia na *Close Junino*, falou que “participar das quadrilhas cômicas é um sonho, onde aprendeu a se importar com as pessoas e aprendeu com elas novas experiências, transformadas em arte no mundo LGBTQIA+”. O Matheus Linhares, presidente e coreógrafo da *Sem Recalque*, mas que já fez trabalhos com a *Close Junino*, encontrou na Quadrilha Cômica um espaço de expressão e disse: “Ganhamos admiração de algo que está dentro da gente, mas, que em outros espaços não têm o mesmo olhar e respeito, como se permitir ser afeminado e sai sem medo disso”.

Tantos meninos *gays* e tantas vivências mostram vários sentidos de se fazer essa arte que procura ganhar mais espaço no cenário junino. Esses foram apenas alguns contatos dentre milhares de pessoas que se encontram/praticam esse estilo de quadrilha e que estão nas ruas mostrando suas versões, sem medo de serem felizes.

Portanto, acredito na luta contínua de uma arte mais inclusiva, a fim de ressignificar questões estereotipadas da quadrilha cômica, mas, sim, em torná-la uma arte onde tem características do contexto LGBTQIA+, além de um combate ao preconceito através da diversão.

### 3.2.1 CULTURA LGBTQIA+: VOCABULÁRIO, PAJUBÁ E TERMOS DA QUADRILHA CÔMICA

A comunidade LGBTQIA+, em específico os *gays* e travestis, tem uma riqueza no meu modo de viver, que vão desde sua arte, danças específicas, até o seu vocabulário construído pelo próprio grupo, onde as pessoas da comunidade se comunicam como uma forma que também pode ser tão performática, tal como acontece nas quadrilhas cômicas.

As gírias, por exemplo, fazem com que a comunidade LGBTQIA+ ganhe o seu próprio dicionário, o Pajubá, que são expressões criadas, adaptadas e que sempre estão em constante transformação e adição, visto que sempre há algo novo e inventado, de acordo com cada região, espaço urbano e entre amigos.

As palavras começaram a surgir entre os anos 60 e 70, na época em que ocorria a ditadura militar no Brasil. A linguagem é uma forma de comunicação de uns com os outros da comunidade e como forma de se reconhecerem em seu meio, tornando uma ferramenta de empoderamento e resistência, pois, parte de uma necessidade de se protegerem em locais onde a homofobia<sup>19</sup> e a transfobia<sup>20</sup> predominam. Ganhando um status de dialeto, a maioria das palavras são de origem de grupos étnico-linguísticos africanos, como o nagô e iorubá (REIF, 2019).

Para além do cotidiano de *gays* e travestis, essas palavras, termos e expressões no mundo LGBTQIA+ acabam afetando o trabalho das quadrilhas cômicas, tendo em vista que esse estilo de quadrilha fala muito sobre a nossa comunidade e nossa cultura.

---

<sup>19</sup> Homofobia: é caracterizada por uma série de atitudes e sentimentos negativos, discriminatórios ou preconceituosos em relação às pessoas [LGBTQIA+](#).

<sup>20</sup> Transfobia: é uma gama de atitudes, sentimentos ou ações negativas, discriminatórias ou preconceituosas contra pessoas transgênero.

O pajubá tem inúmeros termos listados e não listados. Entretanto, para relacionar o dicionário de expressões LGBTQIA+, com as expressões usadas na quadrilha cômica, cito apenas algumas expressões que usamos tanto nas conversas nos ensaios, como também nas quadrilhas, que vão desde o nome do grupo até o grito de guerra nas apresentações.

- Close/close certo – chamar atenção ou causar de forma positiva, posição para foto, atitude/ação
- Close errado – atitude ruim
- Recalque – inveja
- Frescar/frescura/frescação – se expressar de forma bem feminina ou gay, que pode ser de forma debochada ou não.
- Vrááh – alusão barulho do leque
- Fechou – Expressão positiva de elogio a algo
- Lacrou – um fragmento de “fechou”
- Arrasou – Modo de se expressar quando um ato é bem-sucedido, quando alguém faz algo muito bem-feito.
- Foi tudo! – Tudo de bom, “arrasou”!
- Mapô – mulher
- Oco – homem
- Bofe – rapaz
- Laisse – ali
- Acaisse – aqui
- Croco – velho
- Babado – fofoca, algo legal, expressão de descoberta de algo etc. (depende do contexto da situação).
- Ekê – mentira
- Gongar – Falar Mal
- Mona – amigo afeminado
- Passada – chocado
- Uó – coisa ruim
- Trabalhada - Modo de dizer que a pessoa está bonita
- Pico – Cabelo/peruca

Desta forma, as palavras do pajubá são usadas não apenas como uma comunicação para conversar entre si no dia a dia, mas, também na quadrilha cômica quando necessário e a partir delas cria um cenário, uma cultura dentro de outra e em vários contextos.

### 3.3 A QUADRILHA CÔMICA NO CONTEXTO ESCOLAR

É de conhecimento a existência de Quadrilhas Cômicas realizadas pelos alunos de diversas escolas em Belém do Pará, a partir de minhas vivências, contatos, acesso de vídeos disponíveis na *internet* e trabalhos realizados por mim no âmbito escolar, o qual será relatado nesta pesquisa.

O professor formado na Licenciatura em Dança ainda sofre alguns desafios para estar atuando no ensino formal, com a falta de oportunidades, valorização, mesmo que esteja amparado pela lei 13.278/16<sup>21</sup>. Quando este profissional atua no contexto escolar, em muitos casos, apenas é contratado para trabalhar em datas comemorativas e festivais que a escola promove, para realizar “dancinhas” para os eventos, sem contar que a dança na escola em sua maioria está ligada à disciplina Educação Física. Rocha e Rodrigues (2007, p. 5), a partir de seus estudos da dança no contexto escolar, falam que:

Verificou-se que a inclusão da dança no conteúdo programático, nem sempre está vinculada à vivência do profissional, presume-se que o trabalho da dança deriva da necessidade de seguir o cronograma da unidade escolar (datas comemorativas e eventos especiais). Percebe-se que os professores ficam apavorados com a chegada desses eventos e festas, quando são “impostos” a realizar um trabalho com dança. (ROCHA; RODRIGUES, 2007, p. 5).

Foi a partir deste tipo de programação que fui convidado a coreografar a quadrilha cômica que seria realizada por alunos de diversas turmas da escola estadual Augusto Olímpio, localizada no bairro de Canudos em Belém-PA, em 2019, para a programação festiva da festa junina do colégio. A indicação partiu de alguns alunos que também eram brincantes da minha quadrilha cômica, a *Close Junino*, pois, também iriam dançar na escola.

A Quadrilha Cômica, como é de conhecimento, tem alguns teores em suas performances que não condiz com o contexto escolar e não é muito bem-vista por muitos diretores de escolas ao redor de Belém. Desta forma, a professora responsável por essa ponte entre mim e o trabalho a ser realizado, tinha conhecimento da minha graduação em dança e que desta forma, a partir

---

<sup>21</sup>Lei 3.278/16 [§ 6º](#) As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. Art. 2º O prazo para que os sistemas de ensino implantem as mudanças decorrentes desta Lei, incluída a necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica, é de cinco anos.

dos meus conhecimentos adquiridos na Licenciatura em Dança da UFPA, pude realizar a criação dos meninos e meninas dentro de um contexto pedagógico.

A dinâmica do trabalho não se diferenciou muito do que eu faço com o meu grupo nas ruas, pois partiram de questionamentos de como fazer uma quadrilha cômica dentro da escola, para todos os públicos, sem erotização, visto que iria envolver menores de idades, tanto em relação de quem ia praticar, como também de quem iria assistir, inclusive, seus responsáveis. Que tipo de músicas eu iria selecionar, pois, não levaria músicas com palavras de baixo calão, apologia ao sexo de forma explícita, apologia às drogas ou qualquer outra letra ou movimentação que poderia ferir todo um trabalho pedagógico realizado naquele local.

Como a quadrilha cômica traz outras músicas que não são de quadrilhas para sua performance, como o funk carioca, *tecnomelody*, entre outras músicas, a criação foi pensada de forma que não houvesse preconceito contra os estilos musicais que, inclusive, são muito marginalizados e que fazem parte do contexto social, do qual os alunos estavam inseridos e envolvidos.

Partindo deste ponto, da seleção de músicas, foi necessário pensar nas movimentações. Posso dizer que dá para trabalhar sim a quadrilha cômica no contexto escolar, porque, ela sempre vai existir, seja eu estando na frente do trabalho ou não. Então, enquanto futuro docente, penso que trabalhar este estilo de quadrilha, pensar na metodologia que será adotada, visto que a quadrilha cômica tem uma vasta possibilidade de criação. Entretanto, compreendo a preocupação da equipe pedagógica quando deixam essa prática na mão dos alunos ou de qualquer coreógrafo, que não tenha essa noção de trabalho pedagógico. Neste caso, toda essa construção se deu graças ao curso de Licenciatura em Dança na UFPA.

Uma questão da quadrilha cômica realizada por outras pessoas na escola e que me incomoda bastante, é justamente a ridicularização que fazem na inversão de papéis, principalmente os meninos que se travestem de mulher, para usar o cômico ironizando pessoas LGBTQIA+, em específico, o público *gay*, o que vai totalmente contra o que procuro fazer com meu grupo e os brincantes que estão na rua.

Neste questionamento e inquietações, tive que abordar uma outra metodologia, para que o trabalho pudesse fluir e que fosse coerente com o que eu pregava, já que a maioria dos alunos não eram pessoas LGBTQIAs+. Portanto, o primeiro ensaio na escola na verdade foi uma minipalestra, contextualizando o que seria uma quadrilha cômica e que tipo de trabalho seria desenvolvido. Nesse sentido, falei que não íamos usar músicas com letras que façam algum tipo de apologia maliciosa e o ponto mais alto: que os meninos que se vestem de menina possam compreender o personagem que ia ser incorporado por eles, de forma que pudesse ser uma

brincadeira saudável, interligando com toda a luta que a comunidade LGBTQIA+ vem enfrentando contra o preconceito, fazendo uma arte consciente, com respeito e eles tendo consciência do que estavam fazendo. Ou seja, o trabalho realizado na escola também foi uma forma minha de combater o preconceito através dos alunos que em sua maioria não são LGBTQIA+, falando sobre a temática da diversidade de gênero no contexto escolar.

Foi um trabalho com um resultado qualitativo muito positivo, onde eu pude realizar minha arte na escola, que ao mesmo tempo eles pudessem brincar com as coisas que eles gostam relacionando com o cotidiano deles. Como parte da avaliação, não percebi uma movimentação ou fala que ferisse a minha luta, havendo um respeito mútuo com um processo e resultado bastante significativo, tanto para a escola, como para a minha formação.

#### 4 IÊÊÊ! É CLOSE, OPA: COMO TUDO COMEÇOU...

É Close junino!  
 É Close Junino!  
 Junino, é Close!  
 Fechou, fechou,  
 Fechou, fechou, fechou e  
 Vrááh!  
 (Grito de guerra dos brincantes da quadrilha)

Close Junino é o nome da quadrilha cômica criada por mim, do bairro de Canudos, em Belém do Pará. Considero o ponto mais alto da minha trajetória artística, visto que tenho um imenso afeto relacionado ao meu grupo. Nele faço minhas próprias criações, tomo decisões, me dedico em dobro por ser o presidente do grupo e não apenas por ser apenas um brincante que está inserido no meio junino só por dançar. Neste momento da minha vida, assumo um compromisso à mais, tomando uma outra posição, gerando diversos frutos, como a minha *drag queen* Fabíola Calandrine. Os brincantes me chamam de “mãe” e eu os chamo de “filho”, resultando em uma grande fonte de relações, criações e afetos.

A quadrilha cômica Close Junino é fruto de inquietações e conflitos internos, pois partiu da ansiedade de não quer ser apenas brincante e participante de grupos juninos, teatrais, companhias de dança, entre outros. Local no qual posso desenvolver as minhas ideias, fazendo o que eu mais gosto, dançar nas quadrilhas juninas/cômicas.

O grupo foi pensado e projetado por mim em 2017, porém, a quadrilha surge em 2018 com ensaios nas ruas de Canudos e na comunidade Sto. Agostinho da Aldeia. O nome do grupo *Close Junino* vem da seguinte concepção: “close”, vem do dialeto dos *gays* e travestis, com seu pajubá, termo que, na minha percepção insinua alguém que faz pose, carão, posição ou *performance* de alta qualidade, pessoa metida, entre outros sinônimos. De acordo com Callou (2019, p. 87), “close” no contexto LGBTQIA+ significa:

Deixar sua marca, chamar atenção, impactar. Dessa forma, o “close certo” é deixar uma marca positiva, é lutar, ressignificar e ocupar espaços, demonstrando para a sociedade heterocisnormativa, que é necessário equidade social e não simplesmente igualdade (CALLOU, 2019, p. 87).

A palavra “close” se encaixa com a proposta do nome do grupo, já que nós que podemos utilizar em vários contextos, como por exemplo “vou ali dar um close”, insinuando que “vamos ali dançar” ou “vou dar close!”, insinuando que “vou dançar muito bem e bonita”, dentre vários outros contextos os quais podemos adaptar de acordo com a ideia.

O nome “junino” faz alusão ao mês de junho, período que a quadrilha se apresenta, o que significa dizer, um “close” que acontece em junho por meio da quadrilha, que tem uma posição LGBTQIA+ no contexto cômico e político enquanto diversidade.

A minha proposta para o grupo é trazer um modo diferenciado de fazer quadrilha cômica, trazendo temáticas, figurinos e coreografias mais elaboradas em comparação à brincadeira de rua que foi criada anos atrás, criar uma identidade própria, politizar um pouco mais, quebrando estereótipos que são carregados nos grupos deste estilo de quadrilha no Pará ao longo dos anos, abordando novas metodologias de criação e apresentação, tirando um pouco mais o cunho sexual que os demais grupos fazem, mostrando que as quadrilhas cômicas podem ser bem trabalhadas e elaboradas, com o objetivo de fazer uma brincadeira e dança de rua, com bastante seriedade.

Com o objetivo de elevar a seriedade do trabalho das quadrilhas cômicas, penso que as temáticas e figurinos para a Close Junino, precisam sair do que é comumente visto nas ruas e apresentações em escolas, que é pegar qualquer roupa e invertendo os papéis (da dama e do cavalheiro). Ressalto que, pegar qualquer roupa para transformar em figurino, é uma possibilidade e faz parte da brincadeira, tanto que, enquanto nossa roupa oficial não fica pronta, nós também usamos roupas das nossas mães, pais, amigos, amigas etc. Entretanto, quis criar uma grandiosidade da mesma forma que as quadrilhas tradicionais têm no seu contexto, trazendo temáticas, roupas iguais entre damas e cavalheiros e seus destaques, fazendo um trabalho mais elaborado. Me questiono: por que a Quadrilha Cômica não pode estar em um nível mais próximo da tradicional e transformar em uma grande espetacularidade para quem assiste? Desta forma, trago figurinos iguais para todos os meus brincantes, tirando os destaques que podem ser consideradas as misses no contexto da Quadrilha Cômica, com trajes que podem remeter a comicidade ou por apenas questão estética de acordo com a proposta.

No primeiro ano da quadrilha, em 2018, a *Close Junino* trouxe a temática da copa que acontecia naquele ano, com as cores do Brasil, com os brincantes vestidos de jogadores da seleção e líderes de torcida, além dos destaques, como a Miss Caipira para representar o São João e na comicidade a personagem da cantora Shakira, que tem uma música muito famosa sobre a copa.

**Imagem 15 – Estreia em 2018, no bairro de Canudos.**



**Foto: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2018.**

No segundo ano, em 2019, a quadrilha trouxe a temática da novela mexicana “Rebelde”, que foi um sucesso entre os adolescentes e jovens nos anos 2000, trazendo nostalgia que marcou milhares de pessoas. O traje, dos brincantes se reportou ao figurino do elenco que usava uniforme.

**Imagem 16 – Estreia da quadrilha no bairro de Canudos, em 2019.**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2019.**

Em 2020, por conta da pandemia do Covid - 19<sup>22</sup>, o grupo não saiu nas ruas para apresentar, mas, de forma simbólica e com apenas alguns integrantes e com testes negativos para Covid, foi realizado uma transmissão ao vivo. Para o traje, uma temática mais tradicional, com roupas em xadrez.

---

<sup>22</sup> Covid – 19: A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Fonte: <https://www.paho.org/pt/covid19>

**Imagem 17 – Transmissão ao vivo em uma rede social**

**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2020.**

Em 2021, com a flexibilização do período pandêmico, o grupo vai às ruas homenageando a cantora norte-americana Beyoncé, onde o traje foi inspirado em um *show* da artista realizado no Festival Coachella, que também virou um documentário da cantora na plataforma Netflix.

**Imagem 18 – O grupo em um concurso de “Quadrilhas Malucas”, realizado no bairro da Terra Firme, em Belém.**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2021.**

Em 2022, a quadrilha comemorou os seus 5 anos de existência. Com o intuito de fazer uma grande festa, elegeu o tema “Rock da Close”, que aqui no Pará, o “rock” vem de “rock doido”, que faz alusão as festas de periferia e de aparelhagem, a fim de exaltar a cultura do nosso estado, com ritmos como: o brega, tecnobrega, tecnomelody. O termo “rock doido” ficou tão famoso que saiu para fora da bolha e atingiu outras camadas sociais e lugares, fazendo com que muitos paraenses usem o termo quando se trata de festa.

Desta forma, “rock” seria o festejo desses cinco anos de existência com uma estética periférica, já que o grupo também faz parte deste contexto social. O traje, dos cavalheiros foram inspirados nos “malacos” que vivem nessas áreas, já o das damas foram inspirados nas dançarinas de banda e de aparelhagem, além dos destaques como a missa caipira representando o contexto junino e para a parte cômica, trouxemos as personagens do filme de comédia “As Branquelas”.

**Imagem 19 – Quadrilha Cômica Close Junino no Concurso de Quadrilhas Cômicas de Icoaraci-PA**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

Os brincantes da quadrilha, em sua grande maioria, são compostos por meninos meninas do bairro de Canudos, mas, tem os integrantes de outros bairros que, ao longo dos anos, foi crescendo dentro do grupo, transpassando o próprio bairro onde foi fundada a quadrilha.

A diversidade dentro do grupo foi um dos pontos que tinha como meta, por querer fazer uma arte LGBTQIA+ e inclusiva, visto que, eu queria trazer um teor político que ao mesmo tempo exaltasse a arte de *gays* e pessoas trans, de forma divertida e consciente, na proposta da quadrilha cômica, que é a inversão de papéis e travestização. Partindo deste ponto, queria quebrar tabus, preconceitos e tirar estereótipos, da forma como outros grupos usavam essa inversão de papéis, com fins de zombaria no contexto cômico. Ou seja, os brincantes em sua maioria são pessoas LGBTQIA+, entretanto, como uma arte não excludente, também participam pessoas fora do meio, héteros cis, mas, de forma que entrem no personagem, façam arte com respeito sem o teor de ridicularização, respeitando todas as pessoas da quadrilha e do convívio social do dia a dia, fazendo o cômico como um gênero de arte.

No início, a quadrilha sofreu muitos desafios e sofre até hoje, enfrentando barreiras e passando por diversas situações. Em seu primeiro ano, recordo-me que um dos desafios foi conseguir brincantes para dançar na quadrilha. Eram apenas duas pessoas como brincantes e eu como presidente e coreógrafo. Foi uma luta e um grande desafio, onde me vi em momentos

desesperadores, correndo atrás de pessoas, conversando, mandando mensagens e fazendo diversos anúncios em redes sociais. Mas, com muita persistência, finalmente consegui um número considerável.

Outro desafio que o grupo enfrentava foi a questão de estar ensaiando na rua, visto que passavam muitos veículos e diversas vezes nós tínhamos que parar os ensaios. Quando chovia, os ensaios eram cancelados atrapalhando o nosso processo. Estávamos à *mercê* da violência. Sobre isso, destaco que passamos por situações com tiroteios próximos ao local, invasão de torcidas organizadas de futebol, que invadiram o ensaio para pegar a blusa de time de um brincante que era do time rival. Já teve situações em que alguns brincantes quase iam sendo atropelados pelos carros. Em uma situação específica, envolvendo um motorista por questões de homofobia, emitiu gritos como: “sai da frente, veado!” e quando fomos nos defender, ele queria sair do carro para brigar conosco. Na rua, muitas vezes escutamos gritos homofóbicos de pessoas que passam pelo ensaio com o intuito de nos ridicularizar, por sermos quem nós somos e termos nossos trejeitos quando estamos dançando. Outro desafio de ensaiar na rua é ter que lidar com algumas situações que atrapalham o processo criativo tais como: som alto de vizinho, barulho de carro, ônibus, moto, pessoas próximas dos brincantes que chegavam no ensaio e durante a dança ficavam falando com os brincantes, entre outros aspectos da rua que interferiam no trabalho. Na rua, nós enfrentamos todos estes desafios.

Desta forma, nós tentamos levar a quadrilha para a comunidade Sto. Agostinho da Aldeia, para que pudéssemos realizar os ensaios de forma mais proveitosa. Depois de muita conversa, em 2018, conseguimos colocar o grupo. Logo após esse ano, a quadrilha não pôde voltar para a comunidade por motivos religiosos, o preconceito.

Entre outros desafios que enfrento junto ao grupo, é a captação de recursos para a construção dos trajes, acessórios e outras despesas necessárias para que tudo ocorra da forma planejada. Para isso, fazíamos promoções de arrecadação como rifa, bingo, venda de comidas que exigia um certo esforço para nós termos o retorno. Muitas vezes alguns brincantes e eu nos víamos em situação de vulnerabilidade por questões financeiras.

A quadrilha também sofre desafios em tentar conseguir respeito e seu espaço, tanto como pessoa LGBTQIA+, como pela sua própria arte de fazer quadrilha cômica. Quando saímos de nossas casas arrumados para ir ao local da concentração da quadrilha ou quando vamos da concentração para o local da apresentação, nós já escutamos muitos gritos homofóbicos e de ridicularização por estarmos “montados” e as vezes a gente não tem nem como reagir, para que não resulte em algo pior. Isso pode acontecer também durante as

apresentações, como já ocorreu. É um desafio ter que muitas das vezes ficar calado, guardar a tristeza consigo.

Compreendo que o preconceito não está somente relacionado à LGBTQIA+fobia, mas, também pelo fato de se fazer quadrilha cômica pois, escutamos que o que fazemos não é quadrilha, as pessoas ridicularizam nossa arte, nos chamam de “palhaços” e até mesmo expõe o nosso grupo em uma rede social, fazendo chacotas e tecendo comentários maldosos na publicação.

É um desafio ter que lidar com esses tipos de situações que ocorrem com um grupo de rua, que está na rua ensaiando e se apresentando. Algumas coisas melhoraram, outras ainda permanecem. Por isso, afirmo a quadrilha cômica como uma arte política, que está sempre enfrentando desafios e ultrapassando barreiras. É uma luta contínua por se fazer uma arte da diversidade e periférica.

Inicialmente, o grupo se intitulou como “quadrilha maluca”, um termo muito usado e o mais conhecido dentro deste cenário. Entretanto, com o passar dos anos e por meio de meus estudos na Licenciatura em Dança, me questionei sobre o referido termo. Diante disso, categorizei o grupo como quadrilha cômica, que na minha visão, é o termo mais coerente junto à “humorística”.

A quadrilha cômica junina apresenta um *show* de coreografias, teatralidade e performances; caiu no gosto do público que reside no bairro de Canudos e nos bairros adjacentes, arrastando muitas pessoas. Arrastamos dezenas de pessoas para o terreiro, para assistirem a nossa apresentação. Muitos perguntam onde vamos dançar e vão para o local da concentração, para que possam ir conosco e em outros casos, outras pessoas veem o grupo passando na rua, a caminho do local e de forma não planejada, deixam seus afazeres e se juntam ao resto acompanhando, como se fosse um grande “arrastão”.

**Imagem 20 – Torcida Close Junino no Concurso da Roso Danin, no bairro de Canudos, 2022.**



Fonte: arquivo pessoal Maciel Loureiro, 2022.

A Quadrilha Cômica Close Junino ao longo desses anos conquistou diversos títulos nos concursos de quadrilhas malucas-cômicas-humorísticas que acontecem nas periferias da cidade, ganhando troféus ou valor em dinheiro. Dentre as premiações, a quadrilha já ficou em diversas posições nos pódios de 1º, 2º e 3º lugar. Como forma de destaque, listo aqui algumas colocações importantes e outros títulos conquistados.

- 1º lugar – Concurso das Najas – Bairro da Terra Firme (2018)
- 1º lugar – Concurso da Teófilo Condurú – Bairro de Canudos (2018)
- 2º lugar – Concurso da Roso Danin – Bairro de Canudos (2019)
- 2º lugar – Concurso Toca Mix – Bairro da Terra Firme (2021)
- 3º lugar – Concurso As Apimentadas – Icoaraci (2021)
- 1º lugar – Concurso da Cremação – Bairro da Cremação (2022)
- 1º lugar – Concurso da Roso Danin – Bairro de Canudos (2022)
- 3º lugar (no sorteio, desempate) – Concurso do Marco – Bairro do Marco (2022)
- 1º lugar – Miss Caipira – Concurso do Marco – Bairro do Marco (2022)

- Melhor Coreógrafo (Fábio Cardoso) – Concurso As Apimentadas – Icoaraci (2022)
- 1º lugar – Concurso As Apimentadas - Icoaraci (2022)
- 1º lugar – Concurso da Marambaia – Bairro da Marambaia (2022)
- 1º lugar – Miss Caipira - Concurso da Marambaia – Bairro da Marambaia (2022)
- 3º lugar – Concurso Samaumeira – Bairro da Terra Firme (2022)

**Imagem 21 – recebendo o troféu de primeiro lugar no concurso As Apimentadas, em 2022.**



Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.

#### 4.1 PROCESSOS CRIATIVOS, COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA E APRESENTAÇÕES

O início da criação do espetáculo em cada ano, que a quadrilha se apresenta começa antes dos ensaios na rua. A semente e idealização começa a partir de reflexões pessoais, seja

em casa ou em outros momentos, ao pensar nas possibilidades de temáticas possíveis, até chegar a uma conclusão.

Em casa, começo a realizar pesquisas musicais e movimentações, por meio de vídeos disponíveis em algumas plataformas digitais, mergulhando profundamente em diversos tipos de pesquisas e fazendo anotações. Desta forma, organizo as ideias, colhendo informações de base que servirão como disparadores, depois disso comunico os brincantes para a primeira reunião-ensaio para dar as boas-vindas e falar como se dará o processo a partir daquele momento.

### **Imagem 22 – Primeiros encontros em 2022**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

A Quadrilha Cômica ensaia nas ruas do bairro e quando há possibilidades para ensaios fechados em algumas comunidades do bairro, o grupo se desloca para o local, entretanto, é bem difícil conseguir acesso a esses espaços. O grupo em seus últimos anos conseguiu o espaço da escola pública Augusto Olímpio, porém, o único dia disponível para o ensaio é aos sábados, por conta das atividades desenvolvidas na escola durante a semana. Portanto, a quadrilha cômica nasce na rua e continua na rua nos ensaios.

**Imagem 23 – Ensaio na rua, em Canudos.**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

**Figura 24 – Ensaio na rua, em Canudos**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

*A priori* como presidente e coreógrafo apresento alguns aspectos deste processo relacionados a coreografia, que são: há coreografias de minha autoria; Coreografias não autorais, sendo estas coreografias da *internet*, de outros coreógrafos que estão trabalhando com cantores famosos ou produzindo conteúdos em redes sociais, visto que a quadrilha cômica tem esse lado comercial, do que está na moda e, a improvisação dos brincantes durante as performances, pois, muitas vezes eu ensino movimento base, mas peço para colocarem a sua forma de se expressar. Exaltar a autonomia do movimento é um ponto importante, visto que tem a teatralização e a comicidade na dança.

A partir daí, a quadrilha resultará num grande processo de bricolagem, visto que há várias interferências coreográficas, de outras partes, outras músicas que saem do ritmo que é a quadrilha, diferentes *performances* na quadrilha cômica, entre outras criações, resultando em uma só.

A bricolagem no âmbito da dança está ligada à uma construção em relação a uma variedade de elementos disponíveis para a criação, a fim de resultar de processos mistos, possibilitando experimentações. Compreendo que, esse processo está ligado à improvisação visto que adotamos diferentes abordagens em processos criativos.

Em relação às nomenclaturas das posições dos brincantes como dama e cavalheiros, eu adaptei de forma cômica e inofensiva para “veados” (meninos que dançam de menina e garotas trans), e “sapatões” (meninas que dançam de meninos), termos coloquiais usados no meio LGBTQIA+ para se referir à *gays* e *lésbicas*, contudo, esses termos são usados como forma de ofensa para pessoas heterossexuais.

Antes de entrar na coreografia em si, temos duas movimentações de base, sendo a primeira movimentação, é a marcação de base para se dançar quadrilha, em duas filas sendo: de um lado os “veados” e do outro as “sapatões”, todos de frente, formando casais. Neste momento, a marcação deve ser sincronizada, de forma que o conjunto esteja em harmonia.

O movimento dos veados que se travestem de mulher, é executado de forma lúdica em alusão às damas de quadrilhas tradicionais, que seguram seus braços na ponta da saia com as anáguas da roupa, para fazer o balanço de marcação da quadrilha. Porém, em nossos trajes, nós não usamos este modelo caipira tradicional das damas (exceto a miss caipira), nossos braços acabam se tornando a movimentação que as damas das quadrilhas tradicionais usam para mexer a saia. Ou seja, nós fazemos dentro da quadrilha cômica a mesma movimentação das damas das quadrilhas tradicionais, porém, sem a saia do traje caipira, fazendo com o que a gente use a imaginação e trabalhando esta marcação de forma lúdica.

Na primeira e principal movimentação da quadrilha em seu modo de dançar, as meninas que se travestem de homem, as “sapatões” da quadrilha tem como base a movimentação dos cavalheiros de quadrilhas tradicionais, com pequenas modificações. No grupo, elas dançam com o braço direito mais reto, jogando para traz do corpo, com uma tensão maior para o lado direito do corpo, ao contrário do lado direito, o outro lado apenas acompanha o movimento e braço dobrado. Em nossa concepção, isso torna o movimento mais masculinizado.

A movimentação das pernas para todos é pulando, o que diferencia é que os veados usam a meia ponta do pé e os joelhos estendidos e um pouco flexionado (alternando) e as sapatões continuam com as pernas estendidas, apenas pulando em harmonia.

A segunda movimentação de base tem os mesmos elementos da primeira movimentação, porém, a movimentação é virando o corpo para o lado direito e depois o lado esquerdo, alternando. A movimentação do braço de ambos são as mesmas, o que diferencia é a perna que vai para trás com o corpo de lado. Se eu viro para o lado direito, a perna que vai para traz é a direita. Se eu viro para o lado esquerdo, é a perna esquerda que vai para traz.

Essa movimentação de base para dançar quadrilha cômica dentro da Close Junino também serve como forma de aquecimento e é exigido que todos estejam bem alinhados. A música toca e os brincantes têm que ficar marcando a mesma movimentação até o final da música e se não estiverem sincronizados, nós voltamos para fazer novamente até todos acertarem e pegarem o ritmo da movimentação.

Enquanto os brincantes praticam a movimentação em repetição, há uma pessoa que puxa o grito da quadrilha. A pessoa, que geralmente é o marcador, grita: “é close...”, os brincantes respondem “junino!”, depois repete: “é close...”, respondem: “junino!”, depois o marcador diz “junino...”, os brincantes respondem “é close!”, depois todos cantam: “fechou, fechou, fechou, fechou, fechou e vráah!”. Nesta parte final, a gente sai da marcação, usando a improvisação no que a gente chama de “frescar”, que é uma mini *performance* dando “close”, cantando para o público e dançando em diversas direções.

Depois deste ensinamento e prática, nós vamos para as coreografias de quadrilhas. Neste momento do processo, eu ensino sem a música, sequências coreográficas em uma contagem de 8 tempos, por meio do passo a passo e com o uso da repetição. A ideia é que eles saibam cada movimento em cada número dentro da contagem. Geralmente eu peço para que todos eles façam o movimento contando para compreender melhor e futuramente usem a contagem apenas mentalmente e depois na letra da música que vamos encaixar as sequências.

Para o processo de criação da quadrilha, visto que é um grupo de rua e para se apresentar na rua, é pensando uma metodologia de acordo com o espaço que será usado. Este processo que

para Faria (2012, p. 1), explica o processo criativo em dança como uma organização de ideias como princípio, onde o artista mergulha em um estado de atenção no ato da criação em “vigília constante”, entendendo os meios que levam a construção da obra, passando por etapas e fases nos quais o coreógrafo desenvolve o seu projeto, abrangendo todos os elementos que foram essenciais para o resultado final, como a pesquisa, desenhos, objetos, coreografias, anotações, figurinos, referências, entre outros atravessamentos que somam com a criação. As ruas que geralmente acontecem as apresentações não são tão largas em comparação às quadrilhas tradicionais que disputam concursos em quadras, grandes palcos, entre outros grandes espaços. A quadrilha cômica é idealizada no espaço urbano que ela ocupa.

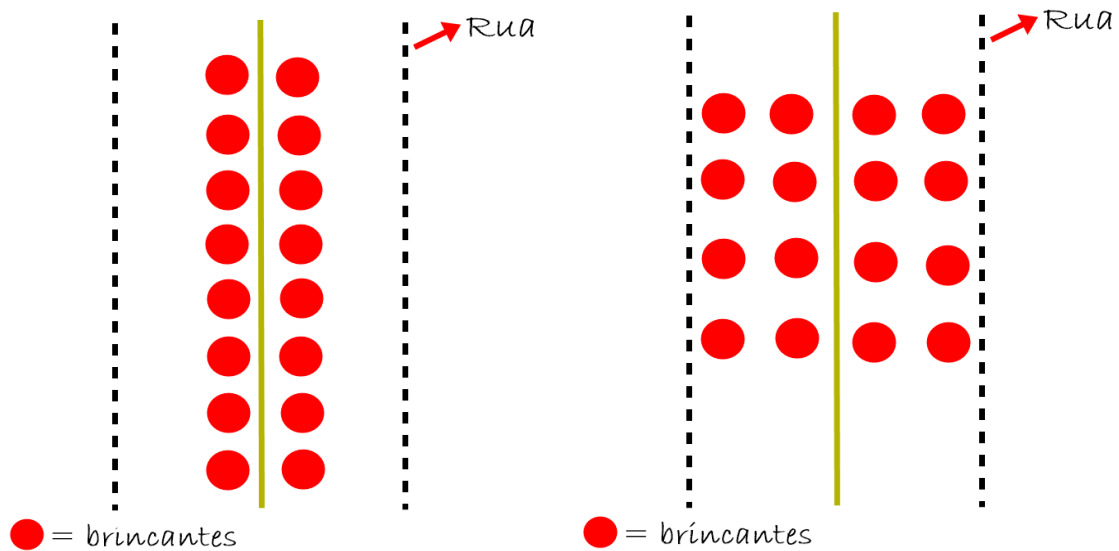
### **Imagem 25 – Ensaio na rua em 2023**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2023.**

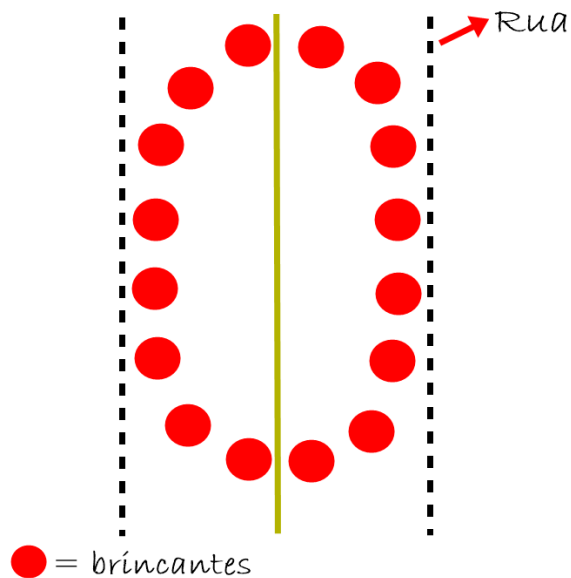
Dessa maneira, eu idealizei algumas figurações e desenhos bases no espaço da rua que, para mim, são essenciais quando vou criar as coreografias para a Close Junino.

**Figura 26 – Duas filas: “veados” de um lado, “sapatões” de outro lado, formando casais. Quatro filas: esse desenho no espaço, para mim, é a figuração principal para o grupo dançar nas ruas, visto que a maioria das coreografias executadas os brincantes estão nessa formação.**



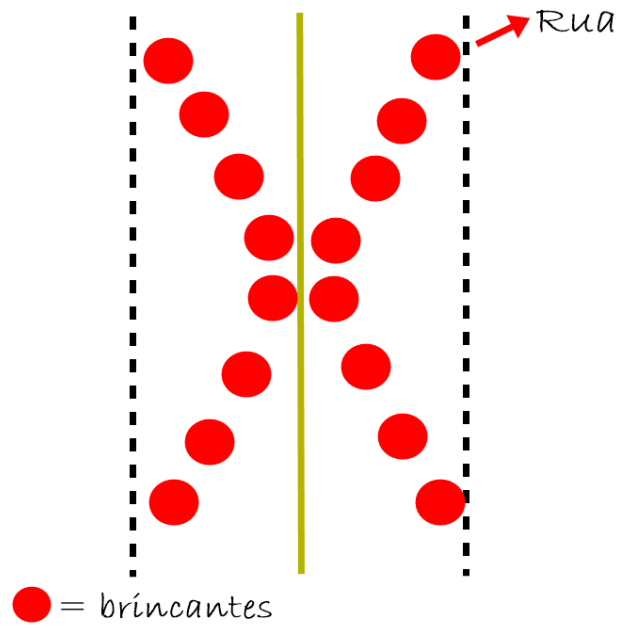
Fonte: criação do pesquisador Fábio Cardoso, 2023.

**Figura 27 – A grande roda**



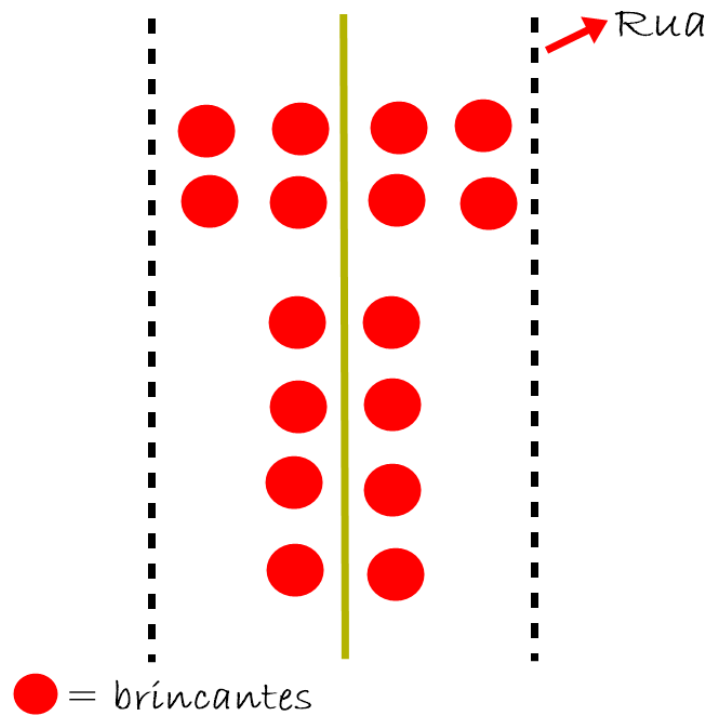
Fonte: criação do pesquisador Fábio Cardoso, 2023.

**Figura 28 – Formação em “X”**



Fonte: criação do pesquisador Fábio Cardoso, 2023.

**Figura 29 – Formação em “T”**



Fonte: criação do pesquisador Fábio Cardoso, 2023.

Estes desenhos foram idealizados por mim através de experimentações com o grupo durante o processo de criação e as apresentações nas ruas, se tornando a base da movimentação coreográfica, o ponto de partida para outras criações, derivações e possibilidades de movimentações no espaço e para as posições de “veados” e “sapatões”. Os desenhos acima não resumem a quadrilha somente a isso. Essas figurações são apenas formações coreográficas que não podem faltar de modo algum na composição da quadrilha. Há uma riqueza no processo, nos outros desenhos e movimentações que vai além dessa base.

### **Imagem 30 – Ensaio na rua**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2023.**

Na quadrilha cômica, há momentos de música de quadrilha, para a execução dos passos tradicionais (p. 23 e 35) e estilizados (conforme explicado na p. 35) e, há uma outra parte que sai deste contexto tradicional, que são as performances humorísticas teatrais e as danças de rua, que também podem estar no contexto cômico ou de forma mais seriamente coreografada e performática.

O termo danças de rua, é um termo usado pelos brincantes para o contexto da quadrilha cômica, especialmente para a parte que não está ligada à música de quadrilha, por exemplo: as coreografias de funk, músicas do momento com coreografias virais ou não, drag music, axé,

fórró, pop nacional ou internacional, hip-hop, tecnomelody, bregafunk, entre outros estilos de acordo com a idealização e criação, tudo isso conforme a nossas experiências e vivências nesta prática artística.

Para a dança de rua, também há alguns aspectos que acho essencial no contexto da quadrilha cômica e que não pode faltar de jeito nenhum: o “bate-cabelo”, que é um estilo de *performance* marcante de *drag queens* e “vogue dance”, visto que, essas duas categorias de *performance* falam muito sobre a comunidade LGBTQIA+, além de estar relacionada a identidade e diversidade que o grupo propõe mostrar, intercalando entre a exaltação da cultura da arte LGBTQIA+ e o seu papel político de luta contra o preconceito.

O “bate cabelo” é um espetáculo à parte, que exige uma alta energia e forte desempenho do brincante. A movimentação consiste em uma técnica de jogar os cabelos freneticamente acompanhada de uma dublagem, no ritmo de uma música eletrônica voltada para *drag queens*, o “drag music”. Para Vergara e Maio (2013), sobre o este estilo musical, dizem que: “os efeitos adicionados à música fazem parte da *performance* no palco, como som de sirenes, vidros quebrados, chicotes etc., ganhando assim um diferencial em relação a outros ritmos, se tornando original” (VERGARA; MAIO, 2013, p. 2).

A técnica do “bate cabelo” foi criada pela *drag queen* brasileira Marcia Pantera no fim dos anos 1980, que performava nas casas noturnas, fazendo acrobacias com a força de sua peruca. Em um curto período, Marcia conseguiu chamar atenção do público, ganhando espaço em programas de TVs e conseqüentemente influenciando outras artistas *drag queens* que começaram a praticar esta técnica, que se consolidou até os dias de hoje, caindo no gosto do público e tornando este movimento um ato marcante na arte LGBTQIA+. Bragança (2019) aponta que:

Nele, as drags, embaladas no ritmo frenético das músicas eletrônicas, giram o cabelo em uma velocidade impressionante objetivando levar o público ao delírio. Essa onda mercadológica global que repaginou as *drag queens* como ícones pop, menos sexualizadas que as travestis e transformistas e mais lúdicas, ocorreu também como uma resposta à crise da AIDS, colocando a *performance drag* como de um homem que apenas performava, diferentemente da visão mesclada de gênero e sexualidade que existia nas transformistas. (BRAGANÇA, 2019, p. 536 e 537).

A seguir a imagem da *drag queen* Marcia Pantera fazendo o movimento de bate cabelo. Logo depois, a imagem do brincante da quadrilha cômica Close Junino executando o mesmo movimento.

**Imagem 31 – Drag Queen Marcia Pantera batendo cabelo**



Fonte: ARAM (2020)

**Imagem 32 – Brincante da Quadrilha Cômica Close Junino fazendo performance de bate-cabelo em uma das apresentações.**



Fonte: arquivo pessoal Maciel Loureiro, 2022

Desta forma, destaco que a Close Junino é uma quadrilha da diversidade, que por possuir um viés político voltado ao público LGBTQIA+, é essencial a presença deste movimento no repertório das apresentações.

O *Vogue* é uma *performance* que pertence ao universo das danças urbanas, tendo sua cultura originada nas comunidades LGBTQIA+, por meio do público negro, latino e periférico dos Estados Unidos. A dança é um estilo moderno, cujo técnica e estilo trazem movimentos de poses, caras e bocas, com formas lineares e estilizadas, sendo fortemente influenciada na revista *Vogue*, semelhando-se às posturas das modelos que ali posavam.

É um movimento de reafirmação de identidades de gênero e sexualidade. Passou a ser mais conhecido nos anos 90 com a música “Vogue” da cantora estadunidense Madonna, que é considerada um ícone dentro da comunidade LGBTQIA+.

### Imagem 33 – Performance de Vogue na série de tv “Pose”.



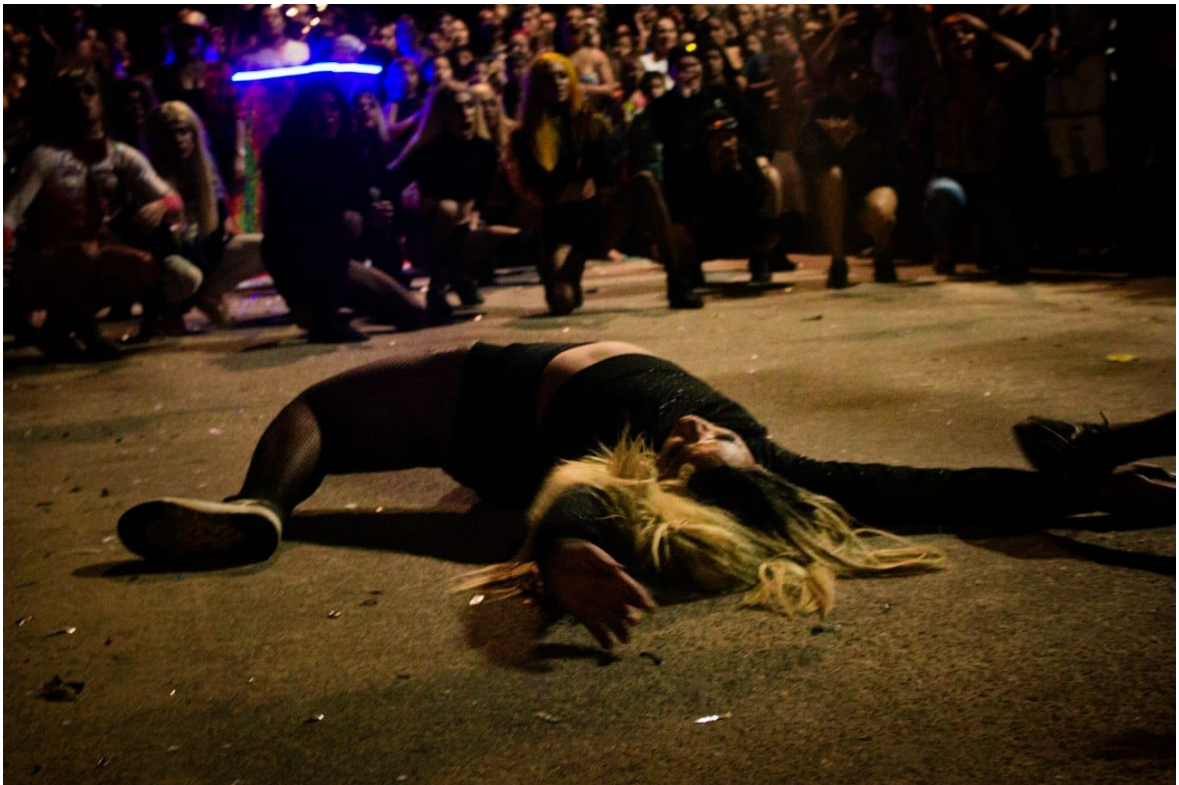
Fonte: PAGNO (2019)

Nos primeiros anos do grupo na rua, este estilo de dança não se fazia presente nas *performances* da Close Junino, por falta de acesso ao estilo de dança, que não era muito popular na camada social que pertencia.

Tive conhecimento sobre o vogue, no curso de Licenciatura em Dança da UFPA, por meio de colegas praticantes, em oficinas e debates que aconteciam no curso. Neste período da graduação, surgiu a curiosidade, o gosto pelo estilo, além de conhecer o histórico desta modalidade e sua importância no contexto da arte LGBTQIA+. Desta forma, foi aí que comecei a introduzir esta arte, relacionando com a proposta do grupo, pesquisando e trazendo para a quadrilha e levando a informação que eu estava obtendo, por mais que fosse de uma forma não tão aprofundada e de pouco domínio sobre o assunto, já que não fazia parte da minha vivência corporal enquanto dança.

A popularização da dança por meio de vídeos em plataformas e a série “Pose”, também foram uma forte influência para que o Vogue entrasse no repertório de apresentações da Close Junino, levando em consideração que a quadrilha cômica também é uma arte periférica tal como o Vogue, se tornando essencial e enriquecendo nossa performance nas ruas.

**Imagem 34 – Brincante da Close Junino fazendo um “Death Drop” em uma performance na quadrilha, sendo esta uma movimentação específica e muito executada no Vogue.**



**Fonte: arquivo pessoal Maciel Loureiro, 2022.**

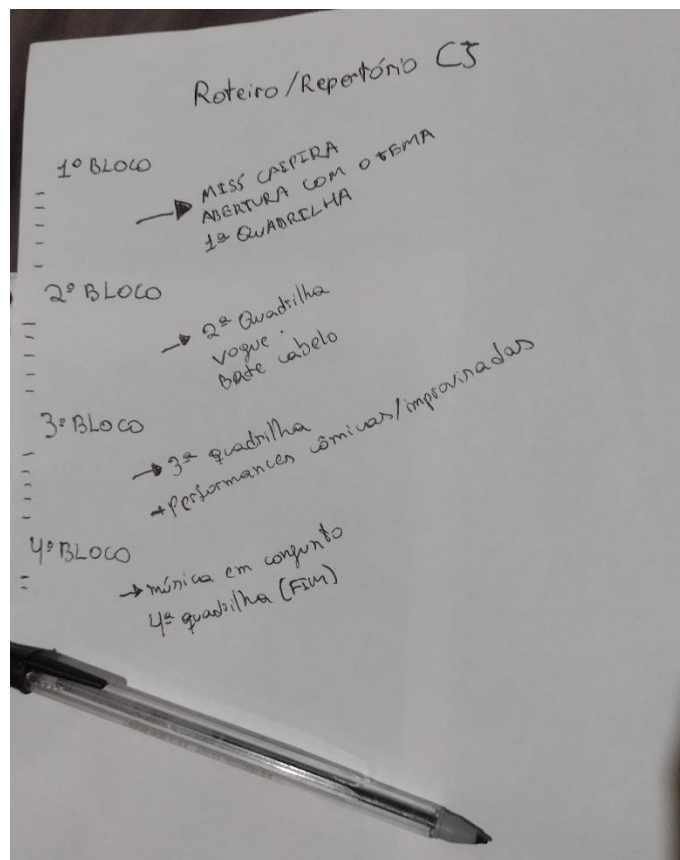
O movimento executado pelo brincante na foto acima evidencia um outro aspecto importante nas performances, que é a comicidade. Dessa forma, provoca muitas gargalhadas na plateia.

No processo criativo, há uma orientação e condução da minha parte como coreógrafo, mas, também há uma participação ativa dos brincantes. Durante os ensaios, são realizados diversos laboratórios com os brincantes, para verificar possibilidades de movimentos, para que tenha a singularidade de cada na performance, além de improvisarem durante a apresentação nas horas certas para o improviso. Acho de suma importância instigá-los e fazer uma criação no coletivo.

Na construção do repertório, há um roteiro de base a ser seguido e idealizado. A quadrilha tem que ter no máximo 30 minutos para a sua apresentação, incluindo todos os destaques, como por exemplo, a *performance* da miss caipira que abre a quadrilha.

O roteiro é dividido em 4 blocos com o repertório de músicas que serão utilizadas, sendo quatro músicas de quadrilha, uma música para cada bloco. Geralmente, costumo construir desta forma, como mostra a imagem abaixo.

**Imagem 35 – Base de roteiro**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2023.**

Este roteiro é apenas uma formação base e de acordo com as músicas e *performances*, eu irei encaixando onde eu achar mais coerente. Além das 4 músicas de quadrilha que são a peça-chave, dentro destes blocos ainda há os solos dos “sapatões”, onde só elas dançam, o solo dos “veados”, as coreografias em conjunto (veados e sapatões), seja ela de quadrilha ou as “danças de rua”, coreografias de pequenos grupos e as *performances* individuais cômicas. Há uma variedade e possibilidades de criação neste modelo.

Na próxima etapa deste processo criativo, tiramos um dia da semana de ensaio. Alguém imprime os papéis com as músicas da quadrilha, todos ficam sentados e todos tem que aprender

a cantar as músicas de quadrilha, para não apenas dançar e interpretar, mas, também precisam cantar, a fim de que tudo fique bem animado e bonito.

Os trajes usados pelo grupo também fazem parte desta construção. Para isso, os brincantes se reúnem em diferentes casas para a confecção do traje. A costureira faz a roupa para o grupo, mas, a confecção por muita das vezes fica por nossa conta, onde colocamos fitas, paetês, pinturas, colagem, costura à mão de alguns adereços dentre outros.

### **Imagem 36 – Confeção do traje na casa de um dos brincantes**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2021**

Por fim, o processo é sempre constante, mutável e envolve todos os participantes do grupo, levando em consideração a modernidade, possibilidades de criações, além da licença poética que a quadrilha cômica oferece, aberta ao novo que sempre está surgindo, fazendo com que o grupo tenha uma identidade autoral.

#### **4.2 CLOSE JUNINO COMO ARTE LGBTQIA+**

A Quadrilha Cômica Close Junino foi criada por mim, uma pessoa assumidamente *gay* e artista de rua, que faz arte na rua. Como já foi citado, um dos focos do grupo é agregar as pessoas da comunidade LGBTQIA+ e criar um grupo da diversidade, para dançar nas ruas da

forma que realmente somos, se caracterizando como personagens feminina e “frescando” na rua.

Acredito na importância de levar uma mensagem para todos que assistem, diretamente ou não. Acredito numa arte política a partir do momento em que os *gays* e as mulheres trans da minha quadrilha colocam uma peruca na cabeça, uma maquiagem e uma roupa feminina, exaltando feminilidade, desde a forma de andar nas ruas até a *performance* apresentada nos espetáculos nas ruas. Para Guzzo e Spink (2015, p. 4), asseguradas por Isabelle Ginot e Marcelle Michel (2012), falam sobre uma dança política nesta contemporaneidade, que diz:

[...] Uma atitude situada a partir de seu próprio ponto de vista da realidade, com um engajamento crítico nas maneiras de fazer dança, são características presentes nesta forma de arte. Essa postura instiga a busca por movimentos, formas, performances e apresentações que alterem e reflitam maneiras de entender o mundo (GUZZO; SPINK, 2015, p. 4).

Em minha concepção, quando ocorre a minha transformação e a dos brincantes quando saímos montadas nas ruas, mesmo sem falar nada oralmente, nosso corpo grita e assume uma postura diante a sociedade e muitas vezes se torna alvo de piadas ou até mesmo de agressões, seja ela verbal ou física.

É de suma importância ocupar esses espaços. É de extrema importância trazer este contexto político e o ativismo LGBTQIA+, principalmente por meio da dança, a fim de levar uma mensagem como forma de reflexão, mas, que ao mesmo tempo é entretenimento.

A arte em si só já é um ato político, ainda mais sendo periférica, com um teor LGBTQIA+, se torna ainda mais pela caracterização das pessoas na quadrilha cômica e pela mensagem que levamos, mesmo que de forma inconsciente. Ou seja, enxergo a Quadrilha Cômica Close Junino como um ato de resistência e afirmação nas ruas, enquanto participantes da comunidade LGBTQIA+ e por fazer arte com uma diversidade de pessoas que fazem parte desta comunidade.

A Quadrilha Cômica Close Junino costuma sempre trazer em suas apresentações as cores da bandeira LGBT ou a própria bandeira ou as cores no traje ou de alguma outra forma que possa aparecer durante as apresentações da quadrilha. A quadrilha também já trouxe um poema de reflexão falado para o espetáculo. A seguir o poema:

São milhares de adolescentes que assim como eu  
 Já sofreram esse tipo de agressão  
 Tá na hora de transformar o preconceito  
 Em respeito  
 De aceitar as pessoas como elas são  
 E quem ser

Tá na hora de olhar na cara  
Da homofobia e dizer:  
“eu sou assim, e daí?”

Fala da cantora e drag queen Pablo Vitar presente no vídeo musical da música “Indestrutível”.

**Imagem 37 – Equipe de Produção da Close Junino soltando fumaças coloridas nas cores LGBT e segurando a bandeira, enquanto a quadrilha cômica dançava.**



Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.

Por mais que todos não sejam inseridos no contexto LGBTQIA+, todos de fora deste contexto procuram simpatizar e apoiar a causa, visto também que eu peço que, entendam a compreensão da luta, para que juntos, possamos fazer arte, na tentativa de um espaço melhor para viver, tanto como cidadão e como artistas.

#### 4.2.1 Iniciação drag a partir do grupo

A quadrilha cômica abriu portas para outras possibilidades de arte. Um lugar de descoberta de si a partir de sua prática, fazendo com que os brincantes do grupo pudessem levar o seu trabalho para além da quadra junina.

Compreende-se que uma das características mais fortes da Quadrilha Cômica é a inversão de papéis de gênero em forma de arte, como já foi citado nesta pesquisa. Ou seja, os meninos que se caracterizam no papel feminino, precisa colocar roupas femininas, perucas, maquiagem e fazer *performances* afeminadas, seja de forma cômica, exagerada ou apenas um comportamento simples.

Partindo deste ponto, os meninos *gays* da quadrilha que passam por todo este processo de transformação não nos lembrava alguma coisa? Para mim, o processo de transformação na cena *drag queen*. Inicialmente, eu não tinha consciência desse processo de construção da personagem e *performance* que acontecia apenas no mês de junho, pois, ali era somente um momento de diversão que, depois da quadra junina, acabava.

Porém, ao longo dos anos, comecei a me questionar e gostar mais ainda, a fim de que eu pudesse levar aquele pequeno momento de diversão que a quadrilha exigia na *performance*, para um outro patamar. Não que o trabalho realizado em junho não fosse sério, mas, levar para além das quadras juninas, tirando apenas aquela característica de “personagem do São João, da quadrilha cômica” e começar a se enxergar como *Drag Queen*. Ora, se eu estava me maquiando, performando, exaltando a feminilidade, colocando roupas femininas, por que não? Foi daí que surgiu as drags do São João, como costume falar.

**Imagem 38 – Fábio Cardoso como Miss Caipira da Close Junino, em 2018.**



Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2018.

No início, eu não tinha meu nome feminino para a *Drag Queen*. Foi ao longo dos anos da quadrilha que fui me descobrindo, me reeducando, refinando essa persona que já existia, mas, que agora estava em um estado de consciência da arte. Foi quando me tornei Fabíola Calandrine, uma outra personalidade, uma outra pessoa, uma nova forma de se mostrar ao mundo. Neste caso, foi importante adotar este nome artístico, pois, não era mais o Fábio Cardoso.

**Imagem 39 – Fabíola Calandrine *Drag Queen* da Quadrilha Close Junino nos bastidores de uma apresentação, em 2022.**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

Ao longo dos anos fui me aperfeiçoando e me conscientizando da arte Drag. Pois, o que acontecia apenas na quadra junina, a partir da Close Junino, deu seguimento para que eu começasse a frequentar casas noturnas em Belém, fazendo performances com fins lucrativos, levando esta arte para outros períodos e não apenas para o mês de junho.

**Imagem 40 – Fabíola Calandrine, como marcadora da quadrilha, antes de uma apresentação em um concurso, em 2022.**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

O que aconteceu comigo, em relação a arte drag na Close Junino, também aconteceu com meus amigos *gays*. Ou seja, a Close Junino ao longo dos anos vem transformando pessoas, fazendo com o que o grupo tenha *Drag Queens*, cujas performances estão para além do contexto junino.

Para esta pesquisa, trago uma “filha” muito especial, que teve sua iniciação *Drag* a partir da Close Junino e buscou se aperfeiçoar em sua prática, inclusive, fazendo oficinas de comicidade drag ministrada pela Drag Queen Xirleytão, de Belém do Pará. Conversei com o artista Enzo Gabriel, que começou a dançar na Quadrilha Cômica Close Junino em 2019, que deu vida à sua Drag Queen chamada Vallentina.

**Imagem 41 – Vallentina em uma das apresentações da Quadrilha Cômica Close Junino, 2021.**



**Fonte: arquivo pessoal Enzo Gabriel, 2021.**

Durante a conversa, o artista Enzo Gabriel, conta uma parte da sua trajetória artística na cena drag queen:

No início, não me entendia enquanto drag. E sim, como uma personagem para dançar o São João, mas desde a minha primeira montagem, percebi que eu queria ser aquilo, que eu queria vivenciar mais vezes ao ano esse personagem. E desde então, comecei a dar a vida a este personagem, e daí, construí uma identidade para a minha Drag. Veio a interferência da maquiagem, mas tudo partiu da quadrilha Close Junino, em minhas maquiagens trazia traços do São João, e até mesmo me chamei de “Drag do São João”. A forma de alegrar as pessoas, o jeito cômico dos brincantes das quadrilhas cômicas. Que levo em minhas performances, trago também, a forma de agir, o carisma de fazer rir e alegrar as demais pessoas. E assim é a minha Drag, assim a quadrilha me fez ser.

A drag queen Vallentina nasceu na Close Junino, mas, já participou de outras Quadrilhas Cômicas, como a *Sem Recalque*, do bairro da Terra Firme, em Belém.

**Imagem 42 – Vallentina como Miss Caipira da Quadrilha Cômica *Sem Recalque*, em 2022.**



**Fonte: arquivo pessoal Enzo Gabriel, 2022.**

O artista também me revelou os retornos que têm com sua arte drag a partir do seu esforço e sua prática em todos esses anos. Sobre isso, diz que: “minhas performances passaram a evoluir, me dando remuneração e valorização da minha arte. Passei a me apresentar em boates, espetáculos e muito mais”.

Em busca do seu aperfeiçoamento a partir dessa nova descoberta que foi sua arte drag, Enzo Gabriel participou da oficina de comicidade drag da Drag Queen Xirleytão e relatou:

O que me fez querer participar da oficina do curso de riso e comicidade drag da Xirleytão foi justamente essa vontade de querer me lapidar mais e aperfeiçoar mais naquilo que eu gostava de fazer, que era a palhaçaria, o riso, o ato de fazer rir com influência da quadrilha, da quadra junina e foi um dos cursos mais maravilhosos da minha vida. Eu nunca imaginei que para fazer rir a gente tem que chorar tanto, que para fazer rir a gente teria que descobrir dentro de nós coisas que nos deixaram triste e colocar isso para fora e assim se faz rir, assim se faz graça.

**Imagem 43 – Enzo Gabriel durante o curso de Comicidade Drag, 2022.**



Fonte: arquivo pessoal Enzo Gabriel, 2022.

**Imagem 44 – Performance de Vallentina como resultado do curso de Comicidade Drag**



Fonte: arquivo pessoal Enzo Gabriel, 2022.

A Close Junino nos dá oportunidades no âmbito na arte e como descoberta pessoal, enriquecendo a nossa trajetória artística e nos levando a caminhos que jamais imaginaríamos seguir. As histórias citadas, são apenas alguns exemplos dentro de tantas outras do grupo. Pois, lá muitos artistas se descobriram e estão atuando na cena.

#### 4.3 ROCK DA CLOSE

O “Rock da Close” foi a temática escolhida para comemorar os 5 anos de existência da quadrilha Close Junino do bairro de Canudos, no ano de 2022. Naquele ano, nós queríamos fazer uma celebração, por meio de um tema que falasse sobre o grupo, de onde ele veio e onde acontece sua arte.

A palavra “rock” vem da língua inglesa, que em sua tradução para o português significa “rocha” ou pedra”. Em sua maioria, é usada como um substantivo, entretanto pode ser usada como verbo que, neste caso, a palavra ganha um teor de balançar algo ou alguém. E é neste sentido de balançar alguém, num sentido de agitação que o paraense fez uma adaptação para “rock doido”, num sentido de festa, curtição e diversão. De acordo com Lobato (2021, p. 162 e 163), o “rock doido”, ou simplesmente “rock” na cultura paraense é:

Segundo quem faz parte do “setor”, pode ser compreendido como momentos nos quais as mulheres e os homens da comunidade se reúnem com as suas amigas e/ou os seus amigos para “endoidar”, “ficar doidão”, 163 “extravasar”, “beber todas” (cervejas), “dançar”, “curtir”, “viver a vida”. Sim, como é de se presumir, o “rock doido” é uma alusão ao ritmo musical rock and roll, sobretudo, ao estereótipo daqueles que têm afinidade com esse ritmo, que, na percepção e no imaginário da comunidade, são vistos como “malucos”, “doidões” etc. Nesse sentido, à vista de o “rock doido” envolver a ingestão de bebidas alcoólicas e, até mesmo, o uso de drogas ilícitas, que deixam as pessoas embriagadas ou alucinadas, considera-se que elas ficam “chapadas”, “porres”, “malucas”, “louconas” ou “doidonas”, assemelhando-se, em tese, ao estado estereotipado dos roqueiros quando curtem seus rocks (ritmo musical).

Partindo desta temática, foi idealizada uma festa da periferia, visto que o grupo estava fazendo 5 anos e é um grupo de arte periférica, com uma estética local e periférica, dos espaços que vivenciamos, influenciando a *performance*, os trajes, os estilos musicais da cena local, o cenário dentre outros.

A música de abertura já começava com um mix de tecnomelody. A *performance* inicial consistia nos sapatões vestidos de “malacos”, que, para deixar mais claro, “malaco”, é uma gíria para “malandro” que vive na periferia de Belém. Eles têm um estilo próprio de se comportar.

**Imagem 45 – Os “sapatões” no Rock da Close, em 2022.**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

Já os veados estavam trajados como se fossem dançarinas de banda de tecnomelody que atuam nas casas noturnas de Belém. Usaram um traje voltado mais para o palco, mas que também têm influência das meninas que vivem na periferia da cidade. Todos juntos traziam movimentações do contexto do tecnomelody, seja ele da rua, como o “treme”, ou do palco, com movimentos mais performáticos para *shows*.

**Imagem 46 – os “veados” no Rock da Close, em 2022.**



**Foto: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

O destaque da quadrilha, a Miss Caipira, trouxe uma estética do Pará, fazendo menção ao rock doido como algo paraense, como podemos ver na figura a seguir.

**Imagem 47 – Miss Caipira, 2022**



**Foto: arquivo pessoal Maciel Loureiro, 2022.**

Para o destaque cômico trouxemos as personagens do filme de comédia “As Branqueelas”, pois, estes personagens fazem parte da história de alguns membros do grupo além de ser a celebração dos 5 anos da quadrilha.

**Imagem 48 – Personagem Tiffany e Brittany do filme “As Branqueelas”, 2022.**



**Fonte: arquivo pessoal Maciel Loureiro, 2022.**

No ano de 2022, foi feita uma camisa para os brincantes e para a equipe de produção. A arte foi inspirada em vários momentos da quadrilha ao longo dos anos, pois, colocamos várias imagens no fundo por toda a parte da camisa, nas cores preto e branco. Ao centro, veio a logomarca colorida da quadrilha com o ano de realização, 2022.

A quadrilha Close Junino no “rock da close” contou com uma super equipe de produção, inclusive, com a participação da minha mãe. O grupo ficava responsável em ajustar o cenário da quadrilha nas apresentações, colocar e retirar adereços, soltar fogos, ligar as luzes do cenário, soltar fumaça, cordão de isolamento para o público não ultrapassar a área da apresentação, carregar acessórios, dentre outras tarefas. A equipe conseguiu resolver as questões técnicas que aconteceram nos bastidores do espetáculo, enquanto o grupo fazia sua parte nas coreografias.

**Imagem 49 – Equipe de produção no concurso das “As Apimentadas”, em Icoaraci.**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

A estética do cenário para este festejo da Close Junino em Belém do Pará, contou com a estética das aparelhagens de sons que atuam nas periferias do estado do Pará e em casas noturnas. Uma parte foi encomendada pelos trabalhadores autônomos locais, outra parte foi feita pelos próprios e brincantes. No entanto, foi necessário pegar uma parte “escondida” da comunidade Sto. Agostinho da Aldeia, sem que o nosso diretor da Paixão de Cristo em Canudos soubesse desse ocorrido.

O cenário trouxe uma mesa ao centro, como se fosse a mesa de aparelhagem que os DJs usam para tocar nas festas, uma faixa anunciando a festa, em referência ao que acontece nas ruas, quando vai ter festa em algum local. No cenário também tinha uma cabeça de veado, pois, geralmente as aparelhagens têm um animal como sua marca e como o veado é um animal que as pessoas assimilam aos *gays*, trouxemos para este contexto. Pode-se também notar as caixas de sons, as mesas que estão na festa ou nos bares e os baldes em cima das mesas, onde são servidas as cervejas com gelo.

Imagem 50 – Cenário “Rock da Close”



Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso

O “rock da close” foi um ano muito especial para mim e para os brincantes da quadrilha. Posso dizer que foi o melhor ano da quadrilha, pois, foi um ano cheio de conquistas, muito mais sucesso e ascensão do grupo, fazendo com que chegássemos em lugares que jamais poderíamos imaginar.

A quadrilha, nos anos anteriores, não ficava em boas posições na maioria dos concursos, chegou até mesmo a ficar fora do pódio. Entretanto, em 2022, nós trouxemos quase todos os títulos de 1º lugar em diversas categorias, de todos os concursos que participamos. Os que perdemos geralmente foi por sorteio de empate. Inclusive, neste ano, nós ganhamos o maior concurso (até então) de quadrilhas cômicas, realizada pela quadrilha *As Apimentadas*, em Icoaraci, onde disputaram 22 quadrilhas cômicas. Ficamos empatados com um outro grupo, assim como também vencemos na categoria de “melhor coreógrafo”.

**Imagem 51 – Recebendo a premiação de primeiro lugar no concurso de Icoaraci**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

O “rock da close” foi um trabalho que se consolidou em meu coração, resultado de muito esforço e estudo, dedicados ao longo dos anos em meu grupo na rua, apesar de todas as barreiras que enfrentamos e também por motivos pessoais.

A programação de 2022 se encerrou com a nossa confraternização. Foi uma despedida daquele ano que foi muito emocionante, cheia de afeto e gratidão. Houve muito choro da minha parte, pois, ali foi dito que seria meu último ano dançando, pois, precisava me afastar e focar um pouco mais na graduação em Dança, sendo mais específico, na pesquisa e realização deste trabalho de conclusão de curso. Os brincantes se emocionaram diante das minhas falas e por tudo que ali conquistamos e passamos.

**Imagem 52 – Momento de emoção na confraternização com a minha fala como presidente aos brincantes.**



**Fonte: arquivo pessoal Fábio Cardoso, 2022.**

A Close Junino é o meu coração no São João. É o meu maior orgulho, pode-se dizer na minha vida artística. Nela me encontrei, me desenvolvi, aprendi, errei, criei laços, fiz meu papel como artista de rua, levando a luta da minha vida enquanto pessoa homossexual, junto aos meus filhos que também fazem parte dessa luta. Nela levei alegria para as pessoas, foi a minha cura e de tantos outros e muita diversão para os brincantes, como para o público que apreciava aquela arte por meio de tantos esforços. A Close Junino foi e é o meu São João, de forma caricata, humorística, mas, que ao mesmo tempo leva a seriedade desta tradição que me acompanha desde criança.

Compreendo o afeto como um dos sentimentos mais importantes quando falo da Close Junino. Neste momento, relaciono a minha pesquisa com os estudos da etnocologia ao pontuar todo o meu trajeto de vida entrelaçado com o acadêmico, o meu fenômeno envolvido de muito afeto e a espetacularidade da quadrilha cômica que chama e atrai a atenção de todos.

Somente gratidão ao “Rock da Close” por tudo o que foi proporcionado e por todas as coisas que vieram antes disso, que serviram de base para chegar aonde eu cheguei com o grupo cômico e marginalizado por muitos. Que venham muitos “rocks da close” por muitos anos...

## 5 FECHOU, FECHOU, FECHOU, FECHOU, FECHOU E VRÁÁH!<sup>23</sup>

Esta pesquisa permitiu que eu pudesse fazer um estudo preliminar sobre o cenário das Quadrilhas Cômicas em Belém, por meio de meus estudos na graduação em Dança, pelas lentes da etnocenologia. Foi possível mostrar a importância desta manifestação popular vivenciada por mim e por tantas pessoas que estão fazendo arte de rua nas periferias da cidade, através do riso, da comicidade e da diversidade de gênero, como uma prática inerente aos festejos de São João. Neste estudo, verificou-se que a quadrilha cômica é a essência da quadra junina ligada ao humor, que abrilhanta as celebrações do mês de junho com muita espetacularidade.

O humor salva, transforma, alivia, cura e traz esperança para a vida das pessoas, por isso, trago as palavras do artista Paulo Gustavo que disse:

Eu faço palhaçada, você ri.  
Eu fico com o coração preenchido aqui.  
Eu me sinto realizado de estar conseguindo  
Te fazer feliz.  
Rir é um ato de resistência!

(Palavras do artista comediante Paulo Gustavo)

Com o objetivo de trazer esse estilo específico de quadrilha como fenômeno de minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, firmo a quadrilha cômica como uma dança que nasce na rua, que faz arte de rua, periférica e LGBTQIA+. Nesse contexto, torna-se um ato de resistência.

Compreendo que o meu papel enquanto discente do curso de Licenciatura em Dança da UFPA e artista-pesquisador-praticante foram essenciais para a escrita deste trabalho e para apresentar todo o processo vivido e experienciado no espaço da rua. Para a pesquisa, o recurso da tecnologia me possibilitou o contato com diversos outros grupos existentes. Nesse sentido, pude contar com diversos praticantes que contribuíram de forma significativa para obter resultados qualitativos e metas alcançadas, dialogando com os teóricos da dança, em especial da quadrilha, da etnocenologia e da comicidade.

O afeto foi o ponto alto na relação entre artista versus pesquisa, para a escolha deste tema, pois, a quadra junina é a minha maior paixão, o que me fez lembrar de vários fatos

---

<sup>23</sup> FECHOU, FECHOU, FECHOU, FECHOU, FECHOU E VRÁÁH! Refere-se as considerações finais deste Trabalho de Conclusão de Curso.

históricos desde a minha infância, ao lembrar da casa de minha avó até me afirmar hoje como pessoa LGBTQIA+, envolvido por uma arte política de afirmações, pela diversidade e de novas descobertas.

É de grande importância visibilizar a Quadrilha Cômica para o contexto acadêmico e como forma de estudo, levando em consideração a necessidade da falta de pesquisa deste fenômeno, tornando uma pauta a ser discutida e abordada.

Como um estudo preliminar acredito que ainda há muito a se falar sobre esse estilo de quadrilha, como também, de tantos outros grupos importantes que foram inalcançáveis neste percurso de estudo e que fazem esta manifestação de rua por todo o estado do Pará.

O que inicialmente, até mesmo pra mim, era apenas uma diversão e libertação, aos poucos passei a ver e a compreender o valor de uma quadrilha diversificada e o poder que ela já tinha sobre meu corpo e minha mente.

Estou pleno de alegria e com o coração cheio de afeto pois, esbocei neste trabalho a minha paixão e a dos brincantes. Além do bem-estar físico-emocional, que me trouxe a temática deste estudo, finalizo sublinhando a importância dos estudos da dança e, em especial, das quadrilhas juninas para a academia.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Lucas. **“Quadrilha”**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/detalhes-festa-junina/quadrilha.htm>>. Acesso em 02 de maio de 2023.

AGÊNCIA PARÁ. **Tradições juninas recebem investimento de R\$ 1,2 milhão do governo**. 2015. Disponível em: <<https://agenciapara.com.br/noticia/7708/tradicoes-juninas-recebem-investimento-de-r-12-milhao-do-governo>>. Acesso em 20 de maio 2023.

ANDREOLI, Giuliano Souza; CANELHAS, Larissa. A dança e as relações de gênero: uma reflexão sobre a interação entre meninos e meninas em uma aula de dança. **Revista da FUNDARTE**, v. 37, n. 37, p. 375-394, 2019.

ARAM, André. **Ícone do bate-cabelo, Marcia Pantera fala do auge na era pré-internet: “Hoje é um jogo de disputa por seguidores”**. 2020. Disponível em: <<https://gay.blog.br/entrevistas/icone-do-bate-cabelo-marcia-pantera-fala-do-auge-na-era-pre-internet-hoje-e-um-jogo-de-disputa-por-seguidores/>>. Acesso em: 20 de maio 2023.

BERTE, Odailso. Vogue: dança a partir de relações corpo-imagem. **Revista Dança**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 69-80, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/13338/9776>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

BRAGANÇA, Lucas. Fragmentos da babadeira história drag brasileira. **Reciis**, 2019. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1703/2290>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

BRASIL. **Lei Nº 13.278, de 2 de maio de 2016**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm)>. Acesso em: 30 de maio 2023

CALDEIRA, Solange Pimentel. A religiosidade na dança: entre o sagrado e o profano. **Revista História em Reflexão**: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados jul/dez 2008.

CALLOU, Tiago Alves. **Dar “Close” nas romarias: percursos de vidas transexuais e travestis nas peregrinações e devoções a Padre Cícero**. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2019.

CHARONE, Olinda. O Teatro dos Pássaros como uma forma de espetáculo pós-moderno. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v. 1, n. 1, p. 139-146, jan./jun, 2009.

COMUNIDADE LGBT. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunidade\\_LGBT&oldid=65457951](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Comunidade_LGBT&oldid=65457951)>. Acesso em: 11 mar. 2023.

DAY, Roanna. **Reflexão: a Paixão de Cristo**. Glorify. 2022. Disponível em: <<https://glorify-app.com/pt-br/a-paixao-de-cristo/>>. Acesso em: 30 de maio 2023.

DICIONÁRIO POPULAR. Pajubá: as principais gírias LGBTQIA+. **Dicionário Popular**, [s.d]. Disponível em: <<https://www.dicionariopopular.com/pajuba-principais-girias-lgbt/>>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

DOL. **Confira a programação dos concursos de quadrilhas em Belém. 2022**. Disponível em: <<https://dol.com.br/entretenimento/cultura/726789/confira-a-programacao-dos-concursos-de-quadrilhas-em-belem?d=1>>. Acesso em: 20 de maio 2023.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. Etnocenologia e comportamentos espetaculares: desejo, necessidade e vontade. **Anais ABRACE**, v. 11 n. 1, 2010. VI Congresso da ABRACE / Etnocenologia.

FARIA, Ítalo Rodrigues. Os processos de Criação em Dança Contemporânea. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA – ANDA, 2., 2012. **Anais...** Comitê Dança em Configurações Estéticas. São Paulo, Julho/2012.

FERNANDES, Marcia. **Quadrilha. Toda Matéria**, [s.d]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/quadrilha/#:~:text=Origem%20da%20quadrilha,os%20membros%20da%20nobreza%20europeia>>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

FRANCÊS OBJETIVO. **Quadrilha: uma tradição francesa com certeza**. Disponível em: <<https://ead.urcamp.edu.br/blog/dicas-tcc-referencia-abnt>>. Acesso em: 02 de maio de 2023.

GUERRERO, Mara Francischini. Formas de improvisação em dança. **Anais ABRACE**, v. 9 n. 1, 2008. V Congresso da ABRACE / Dança, Corpo e Cultura.

GUZZO, Marina Souza Lobo; SPINK, Mary Jane Paris. Arte, dança e política. **Psicol. Soc.**, v. 27, n. 01, Jan-Apr. 2015.

HOMOFOBIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Homofobia&oldid=66268011>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

LEAL, Eleonora Ferreira. **Contando o tempo: transformação, coreografia e modernidade no espetáculo da quadrilha junina em Belém no Pará**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Dança e Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, 2004.

MEIRELES, Lucilene; ARAÚJO, Annaline; ALVES, Andrea. **Festival de Quadrilhas Juninas do Grupo B capricham nos trajes e mostram que têm forró no pé**. 2022. Disponível em: <<https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/juninas-do-grupo-b-capricham-nos-trajes-e-mostram-que-tem-forro-no-pe>>. Acesso em: 20 maio 2023.

MELO, Jane Emirce. Quadrilha estilizada, hibridização, resistência, ou uma invenção da tradição? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 19., Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006. **Anais...** Brasília, 2006.

MENÊZES, Rayssa Moreira Bezerra de. **O figurino na dança: a confecção de uma peça sob duas versões**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Dança) – Curso de

Licenciatura em Dança, Departamento de Artes – DEART, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, 2016.

MIRANDA, Victor. **Programação da prefeitura valoriza o carimbó e o mestre Verequete**. 2022. Disponível em: < <https://agenciabelem.com.br/Noticia/223923/programacao-da-prefeitura-valoriza-o-carimbo-e-o-mestre-verequete>>. Acesso em: 20 de maio 2023.

MOURILHEON, Jonas. **O que é Dança Teatro?**. 2009. Disponível em: < <http://andarilho.net/2009/12/o-que-e-danca-teatro.html>>. Acesso em: 30 de maio 2023.

MUKANI SHOP. **Patchouli do Pará**. Disponível em: <<https://mukanishop.com.br/patchouli-do-para.html>> Acesso em: 30 de maio 2023.

MUNDIM, Ana Carolina. A comicidade como possibilidade criativa na dança. **OuvirOUver**, v. 9, n. 1, p. 46–58, 2014.

NETO, Hugo Menezes. **O balancê no arraial da capital**: quadrilha e tradição no São João de Recife. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

NOLETO, Rafael da Silva. Caipira, Mulata, Simpatia e Gay: reflexões sobre gênero, raça e sexualidade nos concursos de miss das festas juninas em Belém – Pará. In: REDOR, 18., Recife, 2014. **Perspectivas feministas de gênero**: desafios no campo das militâncias e das práticas. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014.

NORTE: RETUMBÃO. **Terra Brasileira**, [s.d]. Disponível em: < <http://www.terrabrasileira.com.br/folclore2/e24retumb.html>>. Acesso em: 30 de maio 2023.

OLIVEIRA, Maria Ana Azevedo de. O corpo que dança: pesquisas em etnocenologia. **Repertório: teatro & dança**. Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro, Escola de Dança. Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Salvador, ano 18, n. 25, 2015.

OLIVEIRA, Maria Ana Azevedo de. **Ver-a-dança: a transfiguração do cotidiano do ver-ou-peso na criação coreográfica**. Belém: PPGARTES/ICA/UFPA, 2016.

OPAS. **Folha informativa sobre a covid-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 30 de maio 2023.

PAGNO, Marina. **"Pose": série com maior elenco trans da história da televisão chega à Netflix neste sábado**. 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2019/09/pose-serie-com-maior-elenco-trans-da-historia-da-televisao-chega-a-netflix-neste-sabado-ck10mnnw2005r01n3xwy61hj9.html>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

PASSOS, Maíra. **Entenda o que é vogue, estilo de dança com forte influência na moda**. Disponível em: <https://www.napontadope.com/entenda-o-que-e-vogue-estilo-de-danca-com-forte-influencia-da-moda/>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

PAU DE SEBO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pau\\_de\\_sebo&oldid=64501701](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pau_de_sebo&oldid=64501701)>. Acesso em: 3 out. 2022.

PEDROSA, Leyberson. **Hoje é dia de São Pedro; conheça mais sobre os santos juninos**. 2013. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2013/06/conheca-os-santos-das-festas-juninas#:~:text=29%20de%20junho%20%E2%80%93%20S%C3%A3o%20Pedro&text=Na%20sua%20lista%20de%20miss%C3%B5es,disso%2C%20protege%20pescadores%20e%20vi%C3%BAvas>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

PIMENTA, Eduardo Baião. Arraiá. **Gramática da Língua Portuguesa**, 2017. Disponível em: <<https://gramaticadalinguaportuguesablog.wordpress.com/2017/07/03/arraia/>>. Acesso em: 30 de maio 2023.

PINHONI, Marina. et. al. **Dicionário Drag Queen: aprenda as gírias mais usadas**. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/dicionario-drag-queen-aprenda-as-girias-mais-usadas.ghtml>>. Acesso em: 30 de maio 2023.

REIF, Laura. De onde vêm as raízes históricas do pajubá, o dialeto LGBTQ+ que já foi usado como linguagem em código e instrumento de resistência. **Revista Trip**, 2019. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/conheca-as-raizes-historicas-e-de-resistencia-do-pajuba-o-dialeto-lgbt>>. Acesso em: 30 de maio 2023.

ROCHA, Daniela; RODRIGUES, Graciele Massoli. A dança na escola. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1217/934>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

RODRIGUES, Roberto. Festa Junina. **Folha de São Paulo**, 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2106200805.htm>>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

SANTOS, Luis Átila dos. Quadrilha Junina e políticas culturais: aspectos históricos e simbólicos para a manutenção de uma manifestação cultural brasileira. In: NOBRE, Itamar de Moraes; LIMA, Maria Erica de Oliveira. (Org.). **Cartografia da Folkcomunicação: o pensamento regional brasileiro e o itinerário de internacionalização?** Volume I. 1ed. Campina Grande: EDUEPB, 2019, v. 1.

SILVA, Rosa Maria Mota da. A música do Pássaro Junino Tucado e Cordão de Pássaro Tangara de Belém do Pará. **Faculdade de Música**, [s.d]. Disponível em: <<https://musica.ufpa.br/index.php/component/content/article/2-uncategorised/303-a-musica-do-passaro-junino-tucano-e-cordao-de-passaro-tangara-de-belem-do-para.html#:~:text=RESUMO%3A%20Os%20p%C3%A1ssaros%20juninos%2C%20teatro,e%20o%20p%C3%A1ssaro%20melodrama%20fantasia.>>>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

SILVA, Wellington. **Pandemia do coronavírus modifica a tradição junina entre as famílias**. 2021. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/pandemia-do-coronavirus-modifica-tradicao-junina-entre-as-familias/188106/>>. Acesso em 20 maio 2023.

TRANSFOBIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Transfobia&oldid=65772919>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

TECNOBREGA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Tecnobrega&oldid=65838064>>. Acesso em: 8 mai. 2023.

TOFANO, Alana de Jesus. et. al. Impactos regionais, econômicos e culturais das festas juninas no Brasil. **Anais SINTAGRO**, v. 11, n.1, 2019. Simpósio Nacional de Tecnologia em Agronegócio.

VERGARA, Daniel Luís Moura; MAIA, Mario. Escândalo! A drag music dando corpo às drags. In: ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO UFPEL, 15., 2013. **XV ENPOS**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2013

WIKIPÉDIA. VOGUE (DANÇA). In: a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Vogue\\_\(dan%C3%A7a\)&oldid=65563640](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Vogue_(dan%C3%A7a)&oldid=65563640)>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

ZAMITH, Rosa Maria. A dança da quadrilha na Cidade do Rio de Janeiro: sua importância na sociedade oitocentista. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 113-132, 2007.

## GLOSSÁRIO

**Close/close certo:** chamar atenção ou causar de forma positiva, posição para foto, atitude/ação

**Close errado:** atitude ruim

**Recalque:** inveja

**Frescar/frescura/frescação:** se expressar de forma bem feminina ou gay, que pode ser de forma debochada ou não.

**Vrááh:** alusão barulho do leque

**Fechou:** expressão positiva de elogio a algo

**Lacrou:** um fragmento de “fechou”

**Arrasou:** Modo de se expressar quando um ato é bem-sucedido, quando alguém faz algo muito bem-feito.

**“Foi tudo!”:** tudo de bom, “arrasou”!

**Mapô:** mulher

**Ocó:** homem

**Bofe:** rapaz

**Laisse:** ali

**Acaisse:** aqui

**Croco:** velho

**Babado:** fofoca, algo legal, expressão de descoberta de algo etc. (depende do contexto da situação).

**Ekê:** mentira

**Gongar:** falar mal

**Mona:** amigo afeminado

**Passada:** chocado

**Uó:** coisa ruim

**Trabalhada:** modo de dizer que a pessoa está bonita

**Pico:** cabelo/peruca